

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**AULAS COLETIVAS DE ACADEMIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE
GRUPOS DE AMIZADE E CONVIVÊNCIA**

Matheus Mesquita de Souza

Porto Alegre

2019

AULAS COLETIVAS DE ACADEMIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE GRUPOS DE AMIZADE E CONVIVÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Raquel da Silveira

Porto Alegre

2019

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi investigar e compreender de que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das 'academias tradicionais' e possíveis aspectos que facilitam esse processo. Para essa análise desenvolvi uma pesquisa qualitativa, utilizando como ferramenta metodológica entrevistas semiestruturadas com dois professores de aulas coletivas de Porto Alegre em que o roteiro foi construído na direção de entender melhor esse fenômeno tão presente no universo *fitness* através da experiência deles. A análise das informações oriundas das entrevistas trouxe respostas e apontamentos mostrando as aulas coletivas como espaços que tem a capacidade de ir além da prática física e se constitui de processos de socializações, construção de vínculos de amizade e relações interpessoais que, algumas vezes, perpassam as paredes da academia. Os professores, por terem uma experiência consistente com esse tipo de aula trouxeram aspectos detalhados sobre várias perspectivas que vão além da simples prática de exercício físico ou busca por resultados de desempenho e estéticos dentro de uma academia. Portanto, as aulas coletivas se mostraram espaços propícios para a integração, o convívio entre seus participantes e a constituição de laços fortes entre os praticantes, além de proporcionar encontros fora do ambiente da academia, mostrando o quanto uma aula coletiva tem o poder de aproximar pessoas e tornar o que poderia ser uma busca individual de resultados de aspecto físico em um processo de socialização de grande magnitude.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	7
METODOLOGIA	18
Os sujeitos da pesquisa	19
ANÁLISE DOS DADOS.....	23
As aulas coletivas.....	23
Um espaço que vai além da prática de atividade física	32
Análise de caso específico da trajetória profissional da Professora 'A'	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A - Estruturação e roteiro das perguntas da entrevista aplicada na pesquisa	62
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65

INTRODUÇÃO

Atualmente, no cotidiano das 'academias tradicionais' é possível perceber que as aulas coletivas se mostram como um forte espaço de sociabilidade, interações sociais e relações que se constroem e que ultrapassam a prática de exercício físico dentro destes espaços e vai para além da academia. Amizades que se constroem dentro dessas aulas e que, muitas vezes, perpassam o ambiente *fitness* estão cada vez mais presentes dentro do universo das aulas coletivas.

Essa integração formada dentro das aulas coletivas entre alunos (as) e professores das mesmas se apresenta fortemente quando vemos que essas relações constituídas dentro das aulas coletivas vão além do momento da aula. Grupos que se conheceram dentro das aulas coletivas e que se encontram fora do ambiente da prática de exercícios com diversas as finalidades.

Essas relações sociais parecem ocorrer com mais evidência tendo o intermédio dos professores antes, durante e depois da aula quanto também sem a intervenção direta dos mesmos. Além disso, vemos turmas inteiras que se relacionam dentro e fora da academia e, mais ainda, muitas vezes vemos também, os professores das aulas coletivas presentes e participativos nesses momentos fora da academia.

Esses processos de constituição de vínculos que se constroem dentro da academia e ultrapassam as paredes da mesma se mostra bastante presente no cotidiano das academias, porém, aparentemente, mais forte dentro do ambiente das aulas coletivas.

Visto que esse processo é recorrente, aparecendo com bastante frequência dentro do universo das aulas coletivas e, por outro lado, muito pouco explorado no âmbito das produções científicas, escolhi esta temática para pesquisar a respeito e tentar buscar mais clareza sobre o tema que se faz de suma importância dentro da atualidade. Afinal, essas relações, em alguns casos, se mostram importantes na aderência, na busca e, até mesmo, na permanência dos alunos (as) dentro das aulas coletivas praticando exercícios físicos com regularidade favorecendo também a sua saúde dentro do ambiente das aulas coletivas.

Além disso, como trabalho com aulas coletivas e presencio outras aulas coletivas nos ambientes onde eu trabalho testemunho muito essas relações e interações sociais citadas acima. Assim, visto a importância desses aspectos na vida das pessoas que praticam e, inclusive dos professores e das próprias academias, resolvi me aprofundar nessa temática e produzir meu trabalho sobre esses processos.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi compreender de que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das 'academias tradicionais'. Ou seja, busquei analisar e entender como acontecem essas relações dentro das aulas coletivas e os possíveis impactos delas dentro e fora das aulas, além de buscar outros aspectos referentes a essa temática na fala dos entrevistados.

Para atender esse objetivo, desenvolvi esse trabalho através de uma abordagem qualitativa de pesquisa realizando entrevistas semiestruturadas com dois professores de aulas coletivas de Porto Alegre seguidas de uma análise aprofundada sobre as respostas concedidas por eles. As perguntas produzidas para a entrevista foram pensadas buscando relatos da vivência prática dos professores referentes às aulas coletivas e de que forma essas relações construídas em suas aulas se desenvolvem e no ambiente da academia.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Por muito tempo as ‘academias convencionais e tradicionais’¹ foram frequentadas majoritariamente por indivíduos que visavam aspectos estéticos e relacionados à ‘beleza externa do corpo’. Porém, o processo de globalização e as mudanças sociais decorrentes desse mesmo processo fez com que essas demandas mudassem de viés e não apenas os ‘marombas’ que visam desempenho físico e/ou performance, ou até mesmo, pessoas que buscam apenas por objetivos estéticos dentro desses espaços fossem o público alvo desses locais.

Com a ascensão do capitalismo e do processo civilizatório, a vida cotidiana das pessoas sofreu grandes mudanças e impactos sociais perante a grande demanda profissional da população e o pouco tempo ‘livre’ da exigência de horas de trabalho. Com grande parte do seu dia direcionado a questão profissional, para muitas pessoas, falta tempo para poder direcionar para o próprio desenvolvimento humano ou pela busca por formas de sair de suas rotinas de trabalho e buscar algo que as ‘desliguem’ do vértice do capital.

As recentes mudanças na forma de vida da população mundial atual foram bastante modificadas desde o século passado até o atual. A “nova revolução industrial” ou da “revolução das máquinas” deu um caráter bastante único a esta época, evidenciando as novas tecnologias como ditadores de novos hábitos e novos costumes e com isso o aparecimento de novas formas de se pensar, agir e fazer. (MENDES E CUNHA, 2013, p. 7).

O avanço tecnológico tem tomado um grande espaço na sociedade atual. Desde questões sobre entretenimento e interação social (através da diversidade de aplicativos e redes sociais disponíveis nos celulares atualmente), quanto às modulações decorrentes dentro do âmbito do mercado de trabalho e meios de produção. O que antes era feito manualmente pelas pessoas, hoje já se tem uma máquina que faz o mesmo serviço, sendo controlada por apenas um indivíduo. Ou seja, as pessoas se movimentam cada vez menos, tanto nos seus ambientes de trabalho quanto fora deles.

¹ Trataremos aqui como ‘academias convencionais e/ou tradicionais’ as academias ‘padrões’ de musculação, visto que hoje temos diversos espaços propícios para a prática de exercícios físicos de diferentes vertentes e práticas corporais como estúdios de pilates, centros de treinamento de CrossFit, estúdios de treinamento funcional, entre outras diversas opções de lugares e espaços de prática de exercícios oferecidos no mercado *fitness* atualmente.

Nesse mesmo caminho, Mendes e Cunha (2013) constatarem que:

Todos esses avanços tecnológicos proporcionaram substituição do trabalho manual, físico, em muitos campos de trabalho. Ao exemplo disso vê-se que na agricultura o uso de máquinas, desde o plantio até a colheita, minimiza a participação humana nesta área, limitando-se apenas no controle destas ferramentas de forma passiva (p. 4).

A tecnologia veio muito pra ajudar a humanidade em diversos pontos e tem conseguido atender muito bem esse objetivo, porém, é notório que essa mesma evolução no mundo tecnológico acabou trazendo certa 'comodidade' para a sociedade num geral. Estamos falando da certa facilidade ao acesso de diversos serviços e produtos que antes, para ter acesso, era apenas saindo de casa para conseguir. Além disso, as relações humanas e sociais (corpo a corpo) parecem perder espaço para as relações virtuais nessa sociedade atual.

É possível afirmar que, no limite, as TIC (tecnologias da informação e comunicação) estão postas como elemento estruturante de um novo discurso pedagógico, bem como de relações sociais que, por serem inéditas, sustentam neologismos como "cibercultura" (Lévy, 1999 *apud* Barreto, 2004 p. 1183).

Assim sendo, atualmente, as academias tradicionais não têm mais sido buscadas, frequentadas e demandadas majoritariamente pelos indivíduos que buscam objetivos estéticos, desempenho físico ou até mesmo o que chamaremos aqui de "culto e embelezamento do corpo" (HANSEN e VAZ, 2004 p. 136). Estes espaços também tem se mostrado cada vez mais relevantes no que se refere à busca por diferentes formas de lazer ou pelas diversas possibilidades de sociabilidade que acontecem dentro do universo das academias pelas pessoas que buscam por esse 'serviço'.

A noção de "culto e embelezamento do corpo" está atrelada a incessante busca que os indivíduos têm em alcançar para si um padrão de beleza, fortemente intitulado e influenciado pelas mídias, como ideal para as pessoas num geral. Conforme o estudo de Hansen e Vaz:

As academias de ginástica e musculação conjugam-se com os salões de beleza, os spas urbanos, as clínicas de cirurgia estética e as lojas de tatuagens, entre outros espaços, formando todo um aparato de lugares, equipamentos, tempos e especialistas em transformação dos corpos humanos (2004, p.136).

Dentro do universo das academias é fácil perceber que, para uma parte do público ali presente, a busca pelo ‘corpo ideal’, esteticamente falando, é algo muito pertinente e encontrado dentro desse ambiente. Notamos isso quando um aluno chega à academia no seu primeiro dia e fala ao professor quais são seus objetivos perante a sua nova rotina de exercícios.

É possível perceber que na maioria das vezes, os alunos (as) buscam o clichê do emagrecimento, definição e ganho de massa muscular. Eventualmente os alunos (as) chegam dizendo que buscam por um melhor condicionamento físico ou buscando ter mais fôlego para não ficar ofegante subindo a escada do seu trabalho ou até mesmo buscam ter mais funcionalidade e coordenação motora para estarem aptos às atividades de vida diária.

Nessa linha de raciocínio, Souza e Ceni (2014, p. 24, 25 e 26) apresentam os seguintes resultados de seu estudo feito buscando compreender a auto percepção corporal de praticantes de musculação:

Em relação à auto percepção corporal, apesar de 53,49% dos homens e 84,61% das mulheres apresentaram diagnóstico de IMC compatível com a normalidade (eutrofia), foi observado que uma grande maioria dos entrevistados não estava satisfeito com seu corpo, caracterizando uma insatisfação corporal entre os praticantes de musculação. [...] Referente ao uso de suplementos, os dados mostram que, entre os indivíduos do sexo masculino, se referem basicamente à hipertrofia, 30,23% (n=13); aumento da disposição, 13,95% (n=6); e definição, 11,63% (n=5) [...] Em relação às mulheres, os dados mostram que os resultados, se referem basicamente à hipertrofia, 38,46% (n=5); e mais energia, 23,07% (n=3).

Para uns, o “culto e embelezamento ao corpo” se trata de sua profissão, ou seja, fonte de renda, mesmo que complementar à sua profissão de base. Por outro lado, para outros é apenas uma forma de buscar uma forma de lazer com benefícios estéticos enquadrados com a que a mídia e os meios de comunicação e propaganda tentam impor como o ‘padrão e o certo’ a se buscar.

Azevedo e colaboradores (2012) citados por Souza e Ceni (2014, p. 26) colocam que:

Ao analisar os aspectos socioculturais, psicológicos e o uso de recursos ergogênicos relacionados à dismorfia muscular, quando relatam ser comum, mesmo quando se está com o somatótipo adequado, sentirem-se com a imagem corporal inadequada, apresentando, desta maneira, alguma alteração na percepção da autoimagem. Esta alteração pode ser resultado das pressões

exercidas sobre o sujeito, principalmente pelo contexto sociocultural no qual o indivíduo está situado e pela mídia.

Por outro lado, não apenas esse público tem estado presente nas academias. Para outras pessoas esse “culto e embelezamento ao corpo” é, de certa forma, deixado de lado visando apenas buscar formas de se relacionar com outras pessoas ou construir relações amigáveis dentro daquele espaço através da prática de atividade física, buscar por uma forma de ter lazer dentro da sua vida ou também buscar realizar sua rotina de exercícios visando a qualidade de vida.

Portanto, as academias tradicionais acabam não se enquadrando mais apenas para o público que visa dos benefícios e atributos das salas de musculação ou resultados mais voltados a desempenho, mas também por pessoas que buscam por diferentes formas de terem lazer ou buscam atividades prazerosas visando a ‘desconexão’ do mundo do trabalho.

Segundo Cunha in. Marcelino (1999) citado por Marcelino (2008) as academias de ginástica passam a ter uma grande relação com os interesses sociais dos seus pertencentes e praticantes, mesmo que não instituídas com essa finalidade, se tornam e passam a ser consideradas um espaço de convivência e vivência do lazer, para além dos aspectos físico-esportivos e específicos do exercício físico.

A análise de Mello (1997) citado por Marcelino (2008) permitiu considerar que:

A importância da prática das atividades físicas, nesse espaço, bem como fazer uma analogia entre os ritmos delas e o ritmo das ações desenvolvidas na vida cotidiana da sociedade contemporânea, automatizada e voltada para o mercado, chegando à conclusão da interdependência entre lazer e trabalho. Trata-se de outro estudo que constata a relação entre os conteúdos físico-esportivos do lazer e os sociais, aqui não apenas em conteúdo, mas também em forma, ou seja, a procura de vivência do componente lúdico da cultura. (p. 50).

No que se refere à busca de diferentes formas de lazer, pensamos que o lazer pode ser entendido como um fenômeno intimamente relacionado com o processo civilizatório e se tornou uma intensa busca por um estado de tensão/excitação em contraponto às rotinas emocionais e profissionais. Esta busca pela tensão/excitação (ELIAS e DUNNING, 1992. p. 101) dentro do

universo do lazer é uma forma “socialmente aceitável”, daquilo que na vida não conseguimos mais reproduzir, ou seja, um descontrole controlado (ELIAS e DUNNING, 1992).

Assim sendo, Requixa (1977) citado por Gomes (2008, p. 6) constrói seu conceito sobre lazer afirmando que:

O lazer é como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social, a partir da análise de cada um dos elementos que o compõem: a distinção entre lazer e ócio; o lazer como ocupação não obrigatória, o elemento “livre escolha” da atividade, o entendimento dos “valores” do lazer (valores institucionalizados, de idéias e “coisificados”); os elementos de “recuperação psicossomática”, “desenvolvimento pessoal e social” alcançáveis através da prática do lazer.

Assim sendo, as academias tradicionais, lugar até onde pouco tempo atrás se oferecia apenas o serviço de musculação, hoje vêm ofertando, cada vez mais, uma maior diversidade de aulas coletivas dentro das suas grades de horários tentando atender os interesses e entendendo a heterogeneidade e diferentes gostos presentes entre seus clientes e associados.

Para muitos, o fator sociabilidade é muito forte na hora de buscar uma academia para poder se matricular. Atualmente as academias não atendem apenas os objetivos a que vieram inicialmente, porém, muito mais que isso, estes espaços conseguiram atender demandas que vão além de exercitar o corpo pela saúde ou padrões estéticos. As interações e relações que se criam dentro do universo fitness, bem provavelmente foram muito além do que se prospectou nesse âmbito se mostrando muito forte dentro desse espaço.

Além disso, muitas pessoas que procuram pelos serviços de uma academia, buscam um espaço onde elas possam se libertar das configurações presentes em suas demandas diárias, em especial, do eu cotidiano profissional e passa a operar com as configurações presentes nos espaços de lazer, os quais permitem um descontrole controlado das emoções (ELIAS e DUNNING, 1992). Ou seja, a rotina diária de muitas pessoas, além de suas demandas profissionais e sociais tem se mostrado fatores de fragilidade no que se refere a aspectos voltados à busca de lazer por parte dessas pessoas. Assim sendo, elas buscam seu estado de “tensão/excitação” (p. 101), como citado acima, para tentar fugir dessa demanda rotineira de trabalho e estresses.

Por outro lado, será que essa estratégia de massificação de diferentes práticas corporais foi sendo introduzida nas academias visando o lucro por parte delas e não somente pensando no bem-estar dos indivíduos que usufruem destes serviços?! Independente da resposta dessa provocação é visível que uma das implicações desse processo foi uma grande ascensão da área de Educação Física dentro do universo fitness e uma disputa de mercado por parte dos profissionais, pois aumentou-se a gama de mercado de trabalho para os profissionais da área.

Diversas práticas corporais (Zumba, *Crossfit*, Treinamento Funcional, *Kangoo Jump*, RPM, TRX, entre outras diversas práticas corporais) foram surgindo como “produto” da indústria do fitness e se firmando no cenário tornando bem diversificado este meio. A globalização, os avanços em todas as áreas e a demanda capitalista de trabalho fez com que as práticas corporais e os serviços oferecidos nas academias também tivessem que evoluir de acordo.

Conseqüentemente, com a diversidade de práticas e modalidades surgindo naquele momento, os profissionais da área também tiveram de se atualizar e, de certa forma, ‘escolher’ qual caminho seguir dentro da Educação Física e também escolher como se inserir no mercado que vinha (e ainda vem até hoje) se tornando bem diversificado e concorrido.

Nesse sentido, Pasquali, Niterói e Mascarenhas (2011, p. 6) trazem dados em um estudo feito por eles na cidade de Goiânia mostrando que:

Em relação às praticas ofertadas, a musculação é a modalidade mais comum, âncora em 81,3% dos estabelecimentos, acompanhada pela ergometria, comercializada em 65,85% das academias. A ginástica localizada aparece somente em terceiro lugar presente em 39,83% das unidades. E modalidades como hidroginástica e lutas, ambas em 32,52% das academias, estão também entre as mais ofertadas. Outro serviço que também merece atenção diz respeito à oferta dos programas de ginástica pré-coreografada da **Body Systems, franquados** por 10,56% das academias da cidade. Modalidades focadas em demandas e nichos específicos também estão presentes no mercado, tais como escalada, em uma academia, yoga, em 4,6%. Isto sem falar do pilates, em 21,95% dos estabelecimentos e da RPG, em 2,46%.

Com isso é possível perceber que essa demanda realmente tem mudado e as academias não são mais frequentadas somente pelas pessoas que a buscam por objetivos estéticos ou pelas pessoas adeptas da musculação

(considerado modalidade 'chefe' e em algumas vezes a prática hegemônica dentro das academias).

A diversidade de aulas coletivas e em grupos oferecidas nos mostra isso, pois os mais diferentes tipos de pessoas podem participar e se sentir mais a vontade de ali permanecer do que no ambiente 'monótono e competitivo'² da musculação, por melhores que sejam os seus benefícios e resultados relacionados à saúde.

Assim, a busca por lazer vem, evidentemente, acontecendo dentro das academias convencionais e parece, cada vez mais, estar presente no cotidiano de uma parcela da população. Além disso, pelo fato da prática de atividade física estar diretamente relacionada à prevenção, promoção e, até mesmo, tratamento que se relaciona a questões de saúde (ou doença), a busca pelos serviços oferecidos pelas academias tem aumentado e, num geral, as academias têm buscado atender os mais diversos tipos de demandas e 'clientes'.

De encontro a todos esses fatores, um grande obstáculo enfrentado é a adesão e permanência desse público no mercado do fitness. Não é difícil perceber no cotidiano de muitas academias que as pessoas se matriculam, vão nos primeiros dias e depois parecem enfrentar uma barreira para darem seguimento em seus treinos ou aulas. Um ponto que parece ser relevante na continuidade por parte dos alunos (as) é o fator social e de relacionamentos que se cria dentro desses ambientes, principalmente no que se refere às aulas coletivas ou em grupos.

No mesmo caminho, Lopes (2018) coloca que:

“Um grande desafio enfrentado pelas academias e centros de fitness é a aderência de seus clientes aos programas de levantamento de peso existentes. Apesar de, em geral, as salas de musculação estarem cheias, ainda “perde-se” uma parcela importante de matriculados que optam por fazer apenas as aulas coletivas. Para a academia, o problema é praticamente inexistente, já que o aluno regularmente matriculado pode, em geral, usar qualquer serviço oferecido” (p. 12).

² Em específico, no ambiente da musculação há uma concordância e, determinado, consenso pelos praticantes, num geral, sobre a monotonia desse tipo de treinamento. Movimentos cíclicos, básicos e que requerem pouca complexidade motora. Por outro lado, no que se refere ao termo 'competitividade' citado acima, é muito fácil perceber, no ambiente das academias, a batalha entre os 'marombas' para ver quem levanta mais carga no supino ou no agachamento, ou até mesmo, para ver quem tem o maior peitoral ou maior bíceps.

Conforme vimos na citação acima e, dito anteriormente neste trabalho, essa falta de aderência e continuidade das pessoas dentro das academias pode ser ocasionado pela ‘mesmice’ do treinamento resistido (musculação), pois nem todas as pessoas são atraídas pela ‘monotonia’ da deste tipo de exercício físico. Nesse ponto, as aulas coletivas se mostram ferramentas muito importantes e relevantes para manterem os alunos (as) matriculados na academia, além de ser uma boa propaganda na hora da venda dos planos aos alunos (as) novos, visto que muitas pessoas buscam apenas por este tipo de aula nas academias.

Para Manfro (2018, p. 48) uma das dimensões simbólicas de proximidade na Academia são as salas de aulas coletivas:

Temos boa aderência do pessoal nas aulas oferecidas, mas se tratando de fidelização de alunos, a turma que se reúne nas aulas de *power local* e alongamento são as mais fiéis. As alunas possuem um grupo no *whatsapp* para organizarem eventos na academia, como os aniversários, além de organizarem encontros do grupo das “Luluzinhas”, como se autoneomaram.

Além disso, como visto na citação acima, esse tipo de aula (aulas coletivas) também apresenta grande capacidade de proporcionar e construir a interação interpessoal e um processo de sociabilidade entre seus praticantes durante o horário de aula e, muitas vezes, fora dela também. Não estamos dizendo que na sala de musculação isso não aconteça. Estamos dizendo que nas aulas coletivas isso se apresenta mais fortemente durante o processo.

Na mesma linha de raciocínio, Lopes (2018) coloca:

Um diferencial das aulas coletivas com foco no treinamento resistido é a possibilidade de levar este importante pilar da boa prescrição a pessoas que não se sentem confortáveis no ambiente da musculação e buscam na ginástica coletiva uma opção de treinamento que proporcione integração e socialização (p.48).

Assim, as academias acabam se configurando, além de tudo, como um forte espaço ‘criador’ de processos e formas de sociabilidade entre seus ‘clientes’ e até mesmo os funcionários do local. A prática de atividade física, além de todos os seus benefícios relacionados à saúde física das pessoas, também apresenta essas diversas possibilidades de interação e socialização entre os praticantes e adeptos.

A interação proporcionada pela prática de exercícios em grupo ou em ambiente compartilhado como salas de musculação, a

saúde física e o bem-estar resultantes da prática de exercícios físicos, a capacidade de executar as atividades diárias sem maiores problemas e a percepção de autoimagem melhorada podem ter como consequência melhoras na saúde psicossocial (BLAY; KAIO, 2005 Apud LOPES, 2018. p.25).

Pessoas que correm em uma praça ou parque, por exemplo, acabam se conhecendo e, algumas vezes, até criando alguns laços de amizade somente por frequentar o mesmo lugar para a prática de atividade física. Do mesmo modo, dentro das academias é possível perceber que diversos grupos de convivência³ vão se criando dentro desse ambiente. Sejam pelos diferentes objetivos buscados ali dentro, por afinidade fora do ambiente da academia dentre outras possíveis razões para esses processos de sociabilidade.

Nesse mesmo sentido, se tratando dos grupos de convivência, Manfro (2018) traz em sua tese uma dicotomia entre as características específicas dos diferentes turnos e dos alunos (as) dentro de uma academia de bairro localizada em Porto Alegre.

Manfro (2018) concluiu em seu estudo que as particularidades e aspectos individuais e coletivos dos praticantes no turno da manhã se envolviam e se enquadrava muito mais no aspecto 'social' relacionado à prática de atividades e exercícios físicos, ou seja, as pessoas vão muito mais no âmbito de socializar umas com as outras, conversarem e interagirem entre si do que, de fato, por objetivos voltados aos levantamento de pesos.

Por outro lado, para a autora, o turno da noite já apresenta uma característica mais voltada à parte 'técnica' e, ai sim, mais voltada aos resultados e performance relacionados ao treinamento físico. Ou seja, não significa que no turno da noite não há interação entre os alunos (as), mas sim que a característica dos praticantes deste turno está mais relacionada com a busca de resultados provenientes do treinamento. Da mesma forma, não significa que no turno da manhã não haja quem busque por resultados, mas a característica principal desse público é a interação e as relações interpessoais dentro do espaço da academia.

Nesse sentido Gonzalez (2007) afirma:

³ Referente aos grupos de convivência que se criam dentro dos espaços das academias podemos citar o grupo dos "marombas", o grupo dos corredores, o grupo dos idosos, o grupo da galera que vai mais para conversar do que treinar de fato, enfim, temos diversos grupos que se desenvolvem naturalmente dentro do universo *fitness*.

Quando nos interessamos em estudar as relações que os sujeitos estabelecem durante a realização de práticas corporais em contextos de lazer, faz-se necessário entender minimamente, a noção de sociabilidade já que inicialmente parece designar alguma dimensão desse fenômeno social. Entretanto, a leitura de diversos estudos sobre esse elemento parece mostrar que não se teve uma preocupação no aprofundamento conceitual do assunto, operando-se com essa noção como se fosse uma categoria autoexplicativa (p.13).

Como referido acima por Gonzalez (2007) há muito poucos estudos que abrangeram essa temática, tampouco que buscaram discutir os impactos, causas, motivações no que se refere a esses processos e as formas de sociabilidade dentro das academias tradicionais. Contudo, este é um processo que ocorre dentro das academias num geral, porém pouco investigado e discutido até então na literatura.

Gonzalez (2007) traz um questionamento muito pertinente sobre essas relações e formas de sociabilidade que se estabelecem dentro do âmbito das práticas corporais realizadas em grupos.

Podemos assim perguntar: o fato de grupos se empenharem em práticas corporais propicia alguma forma particular de interação entre seus participantes? Ou, em uma lógica diferenciada, são os sujeitos do grupo os que condicionam as relações que se estabelecem e, portanto, as práticas corporais de lazer não são fundamentais para essa relação? (p.21)

Assim sendo, nos deparamos com essa incógnita sobre o que (ou quem) é responsável pela construção desses processos de sociabilidade dentro das academias. Porém, assim mesmo, buscaremos desenvolver uma discussão e encontrar possíveis respostas para esse questionamento. Afinal, os processos de sociabilidade dentro das academias precisam ser discutidos e compreendidos mais profundamente para que seja possível entender melhor esse fenômeno dentro do universo fitness.

A sociabilidade pode se traduzir em agrupamentos formais e organizados, podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos (BACHLER, 1996, p. 82).

Sabemos da pluralidade que há por trás do conceito de sociabilidade, porém, aqui trabalharemos a sociabilidade como as possibilidades de interação

social e relações humanas entre sujeitos perante a prática de atividades físicas dentro de academias, mais que isso, tentarei enfatizar essas interações decorrentes de aulas coletivas ou em grupos dentro desses espaços.

Portanto, sendo os processos e formas de sociabilidade e interações interpessoais tão importantes de forma geral, buscaremos responder a seguinte questão central dessa pesquisa: “De que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das academias tradicionais?”.

Além dessa questão central citada acima, outras questões de pesquisa surgiram durante esse processo nos trazendo certa inquietação para tentar respondê-las também neste trabalho, afinal, serão de extrema importância para a compreensão de forma integral da resposta da pergunta chave deste trabalho. São elas: quem são essas pessoas que integram as aulas coletivas? Porque elas escolhem esse tipo de aula para praticarem? O que fazem essas pessoas criarem tais vínculos de amizade e a interação entre os mesmos?

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizei uma abordagem qualitativa, pois esta se mostrou uma abordagem mais adequada para responder a questão central da pesquisa e as questões que conduzirão esse estudo. No mesmo rumo, Molina Neto (1999) afirma que a pesquisa qualitativa como um conjunto de pressupostos e procedimentos que se preocupam em descrever, explicar, interpretar e compreender as representações e os significados que um grupo específico atribuem as suas vivências diárias.

Conforme Lüdke e André (1986) outro ponto importante da pesquisa qualitativa é a presença do pesquisador no próprio local da investigação. Favorecendo assim a submersão completa por parte do pesquisador naquele ambiente que será estudado e analisado. A compreensão e o desenvolvimento do projeto de pesquisa se beneficiam quando o pesquisador se entrega e consegue se inserir de forma integral no contexto da análise.

Além disso, as boas relações interpessoais construídas no ambiente podem ser um fator importante na construção dos dados da pesquisa, pois, quando o entrevistado se sente a vontade com o entrevistador, as respostas são mais espontâneas e favorecem que estes dados sejam analisados de forma mais prudente posteriormente.

A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos da sociedade, os quais estão inseridos em um determinado contexto e tem no estudo de caso o interesse em pesquisar uma situação singular, particular (BORTONI-RICARDO, 2008; OLIVEIRA, 2008).

Para esta pesquisa, escolhi as entrevistas semiestruturadas como ferramenta do processo metodológico. A entrevista semiestruturada, segundo Negrine (1999), pode ser assim definida:

É semiestruturada quando o instrumento de coleta está pensando para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (p. 76).

Desse modo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois professores que ministram aulas coletivas visando compreender melhor o desenvolvimento desses processos de sociabilidade que se dão dentro do

universo das academias tradicionais através do olhar desses sujeitos da pesquisa. As entrevistas foram gravadas e transcritas posteriormente para a análise dos dados e compreensão do ponto de vista dos entrevistados.

Inicialmente a ideia para este estudo era fazer entrevistas com os professores de aulas coletivas e, pelo menos, com um aluno de cada um desses professores. Porém, pela falta de disponibilidade de tempo para essa pesquisa e pela incompatibilidade de associar os horários com os alunos (as), não foi possível realizar tais entrevistas. Acredito que entrevistar os alunos (as) de aulas coletivas me traria bastante material complementar para enriquecer este estudo, por outro lado, a entrevista com os professores me proporcionou bastantes informações que contemplaram bem a temática escolhida.

Os professores selecionados para responderem as entrevistas foram escolhidos pelas suas trajetórias e experiências dentro das aulas coletivas e pela proximidade que tenho com eles visando à disponibilidade para poderem participar dessa pesquisa. Além disso, ambos apresentam, nas academias onde trabalham, diversas turmas de aulas coletivas com esses vínculos de amizade construídos entre seus alunos (as) e que buscarei entender.

OS SUJEITOS DA PESQUISA

A professora 'A' tem 58 anos de idade e uma experiência profissional muito vasta dentro do universo das aulas coletivas, pois é formada pelo IPA de Porto Alegre e, além disso, ministra esse tipo de aula há 31 anos. Ou seja, praticamente todo o tempo de sua vida profissional dentro da área da Educação Física foi ministrando esse tipo de aula.

Ela relata que o primeiro indício sobre o interesse em estudar Educação Física veio desde muito cedo, isso talvez, por influência indireta familiar já que seu pai frequentava um clube de Porto Alegre. Lá ele jogava Tênis, e ela sempre estava junto dele dentro dos espaços do Clube. Relata também que gostava muito desse ambiente e, além disso, sua família era muito ligada a isso e, sendo assim, cresceu em um ambiente onde se praticava esporte e vivenciou isso desde muito nova.

Outro fator que ela relata ter sido marcante para a escolha direcionada à Educação Física é o fato de ela também ter feito natação por muitos anos, além

de ter praticado *Ballet*. Então, pelo fato de ter experiências com diversas práticas corporais ela viu que ser professora de Educação Física era o que queria para a sua vida.

Além disso, a professora 'A' começou dentro do universo Fitness no primeiro ano após se formar em Educação Física (1988) e desde lá trabalha nessa área. Contou-me que a época em que começou foi o *boom* do universo *Fitness* no Brasil e, a partir de então, ele teve uma grande visibilidade dentro do mercado. Naquela época não se tinha a gama de academias que se tem hoje na cidade, sendo assim, conheceu através de seus colegas de faculdade (que já trabalhavam em academias com a parte de aulas coletivas) e também, através da grande perceptibilidade que esse tipo de aula ganhou em Porto Alegre.

A professora 'A' relatou já ter trabalhado com ginástica aeróbica, uma modalidade que hoje não existe mais chamada aerolocal, *Funk*, ginástica localizada, aula de ritmos, aulas de *step*, treinamento funcional, aulas de *bodyPump*, aula de Pilates no solo, aulas de TRX (fita suspensa), aulas de alongamento e uma nova modalidade no mercado que se chama *Bunge Fly* durante todo o seu caminho e tempo de trabalho dentro da Educação Física.

Relatou também que, logo que se formou, resolveu virar aluna de academia para conhecer (na prática) como funcionavam as aulas coletivas, pois gostava muito. Surgiram oportunidades de ela substituir colegas que davam essas aulas. Depois da volta dos colegas, recebeu propostas de emprego nas academias onde fez as substituições e aí 'tomou gosto pra coisa'.

Atualmente, a professora 'A' trabalha em 3 academias de Porto Alegre ministrando aulas coletivas, além de 3 alunos (as) de trabalho personalizado (*Personal Trainer*). Dentro das suas turmas apresenta grande proximidade e uma relação interpessoal bem positiva e agregadora com seus alunos (as), tornando bem favorável o processo.

[...] A troca que eu tenho com as pessoas, os alunos (as). E o retorno que eu vejo de satisfação, do bem que uma aula coletiva causa a tanta gente. A forma como tu interage com o aluno é diferente, a aula coletiva é totalmente diferente, entendeu?! Tu tem um retorno muito legal porque tu começa a conhecer o teu grupo [...] (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019)

Já o professor 'B' ainda está cursando a graduação em Educação Física na UFRGS, ou seja, não está formado, mas, por outro lado, tem grande

experiência com as aulas coletivas durante o seu processo de formação acadêmica.

Tem uma experiência de 5 anos ministrando aulas coletivas, mais especificamente, Zumba, Ritmos e Ginástica Localizada. Nas turmas em ministra suas aulas apresenta grande proximidade de vínculos com os alunos (as) e uma relação muito positiva⁴ no que se refere à interação social e relações interpessoais com eles.

Contou-me que um dos fatores importantes para ele ter escolhido a Educação Física foi o fato de, por percalços familiares, tinha de ficar em tempo integral na Escola Pública onde estudava e, assim, tinha proximidade com os professores de Educação Física e estava sempre envolvido com os mesmo e com as práticas oferecidas na escola no turno inverso ao que estudava, a ponto de participar ativamente na elaboração e organização de competições dentro da própria escola e isso lhe marcou a ponto de escolher a Educação Física como profissão.

.Conheceu as aulas coletivas quando participou de um processo seletivo para trabalhar no projeto 'casa de verão', na beira da praia de Tramandaí, pelo SESC. Neste processo seletivo ele foi selecionado para trabalhar com aulas de ritmos para grandes multidões no palco do SESC no verão de 2014 e, desde então, não parou mais.

O professor 'B' começou sua atuação profissional dentro das aulas coletivas logo no início de sua graduação e, desde lá, seguiu nesse caminho trabalhando, com maior ênfase, na parte de danças e ritmos. Trabalha também com aulas de ginástica localizada, porém a ênfase de trabalho e aprofundamento é dentro das aulas de dança. Relatou que após ter dado a primeira aula já se identificou muito e decidiu o que queria seguir dentro da área.

⁴ Entendo nesse trabalho as relações sociais positivas aquelas que favorecem a interação entre os sujeitos presentes nesse processo, além de serem relações que incluem a todos, sem qualquer tipo de distinção por qualquer que seja o motivo. Além disso, relação positiva dos professores com os alunos (as), me refiro as socializações que ocorrem dentro do universo das aulas coletivas e que perpassam, algumas vezes, o a relação 'aluno-professor' e acaba se tornando u vínculo mais forte que isso onde há certo nível de intimidade, brincadeiras internas dentro das aulas, entre outros fatores.

Atualmente trabalha em 7 academias diferentes e em todas elas, com exceção de uma, trabalha com aulas de Zumba, nessa academia onde não dá aula de Zumba, ele ministra aula de Ginástica Localizada.

Assim sendo, a visão dos dois professores e suas respostas às questões propostas nas entrevistas proporcionou um suporte e nos contemplou um material sólido para a análise e a construção desses resultados e discussão. As falas dos professores se mostraram um material bem pragmático e voltado para a parte empírica dos mesmos.

ANÁLISE DOS DADOS

A seguir apresento as análises que pude desenvolver através das respostas provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com os dois professores de aulas coletivas de Porto Alegre. Através das entrevistas, buscamos responder o questionamento central que norteia essa pesquisa (qual seja: 'de que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das academias tradicionais?'), e as demais questões de pesquisa que foram direcionando esta investigação (quais sejam: 'Quem são essas pessoas que integram as aulas coletivas?'; 'Porque elas escolhem esse tipo de aula para praticarem?'; 'O que fazem essas pessoas criarem tais vínculos de amizade e a interação entre os mesmos?').

O processo analítico trouxe algumas clarezas sobre o olhar desses professores e suas vivências a respeito do tema referente à formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas de academia. Além disso, outros temas que não foram buscados surgiram e foram apreciados nas análises das entrevistas realizadas mostrando um universo paralelo que também compõem as aulas coletivas junto com as suas demais esferas.

1. As aulas coletivas

As aulas coletivas se constituem como espaços para a prática de atividade física em grandes ou pequenos grupos, de acordo com a prática corporal que é trabalhada e desenvolvida, além da academia que oferece esse 'serviço'. Atualmente, temos diversos tipos de aulas coletivas dentro do universo *Fitness* tais como: Zumba, Ritmos, Ginástica Localizada, Treinamento Funcional, *Body Pump*, além de outras modalidades do sistema *les mills*, entre outras diversas aulas desse modelo.

Existem aulas coletivas onde os alunos (as) fazem, todos simultaneamente e de forma sincronizada, os mesmos movimentos e exercícios e, por outro lado, tem outro modelo de aula em que os exercícios são feitos em formato de circuito onde os alunos (as) vão passando de estação em estação até passar por todos os exercícios da aula.

Enfim, os modelos de aulas coletivas são diversos, mas o que podemos observar através da análise das respostas é que as aulas coletivas,

independente do seu modelo e método de aplicabilidade, estão muito presentes dentro das academias 'convencionais e tradicionais', e estão, cada vez mais, alcançando seu espaço dentro desse universo.

Os professores, quando questionados sobre o que eles acham que é um fator importante para que os alunos (as) busquem as aulas coletivas como prática de atividade física no seu dia a dia, colocaram que são diversos fatores que eles encontram em seus alunos (as) e presenciam em seus cotidianos e não um fator apenas.

Entre esses fatores cruciais apresentaram que a timidez dos alunos (as) acaba sendo um dos motivos relevantes para eles buscarem as aulas coletivas como alternativa, já que na sala de musculação se sentem 'deslocados' e, às vezes, pela vergonha de estarem no ambiente da musculação e pelo desamparo que ali recebem, visto que não querem 'incomodar' os professores com suas dúvidas frequentes e referentes aos treinos e execuções de movimentos.

(...) A grande maioria tem dificuldade em treinar sozinho na sala de musculação. Então, a primeira opção, para quem não gosta da sala de musculação, são as aulas coletivas. Então tu vê os outros fazendo, é um trabalho uniforme, todo mundo repetindo o mesmo movimento, isso pensando na aula de ginástica localizada, por exemplo e isso acaba motivando. (...) Depois que eles vão lá e conhecem isso entra o segundo ponto que é referente ao grupo que se forma. (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Ou seja, comparando com a musculação, as aulas coletivas tem isso a seu favor, visto que em algumas modalidades, a realização das aulas é feita de forma grupal, facilitando a execução dos exercícios com acompanhamento do professor e correção quando necessário de uma forma onde consiga abranger a todos da turma sem deixar ninguém desamparado. Além disso, as aulas coletivas são aulas mais dinâmicas e, dependendo do professor, são sempre diversificadas e diferentes umas das outras favorecendo a permanência dos alunos (as) nas turmas.

Esse aspecto das aulas coletivas ajuda na aderência dos alunos (as), pois eles sentem esse cuidado dos professores em contemplar todos os sujeitos ali presentes, diferentemente de algumas academias no ambiente da musculação. Além disso, o Professor 'B' comenta sobre o grupo que se forma nas aulas coletivas, sobre isso, percebemos no cotidiano que sim, os grupos que se constroem nas aulas coletivas se tornam outro fator importante para a

participação dos alunos (as) nas aulas coletivas. Falarei mais a fundo sobre esse tema no próximo título deste trabalho.

Como citamos no referencial teórico deste trabalho é fato que, para muitas pessoas, a musculação se trata de uma prática um pouco monótona e, por mais que seus benefícios relacionados à saúde sejam diversos e muito relevantes, se torna muito difícil para as pessoas aderirem em longo prazo a esta prática.

Como citamos acima, fatores subjetivos como a timidez e a vergonha de buscarem ajuda na musculação, acabam tornando as aulas coletivas ainda mais atrativas para as pessoas que não buscam apenas aspectos estéticos dentro de uma academia. Os fatores de sociabilidade construídos nas aulas coletivas se torna um fator muito relevante nesse tipo de aula

Matheus: Os alunos (as) de suas aulas citam buscar as aulas pelo lado ‘monótono’ da musculação?

Professora ‘A’: Sim, alguns. Tem os que dizem que se sentem muito sozinhos na musculação, tem outros que dizem que se perdem na contagem porque são dispersos, então, só fariam se tivessem um personal, então acabam não indo e tem outros alunos que tem essa dificuldade por terem excesso de timidez. Tem aluno que é tímido e se sente muito deslocado dentro duma sala de musculação. Não quer pedir ajuda pro professor porque tem vergonha, acha que vai encher o saco. Pensam: “ai, vou lá de novo, não gravei a ficha, vou ter que perguntar de novo”. Então sim, eles fazem essa comparação! (Entrevista Professora ‘A’, 04/10/2019)

Aparentemente, nas respostas concedidas e no cotidiano das academias, percebe-se que, na maioria delas, o serviço de musculação deixa a desejar no que se refere a amparo e cuidados com os alunos, visto que, são muitos alunos (as) para poucos professores. Isso faz com que muitas pessoas não consigam se adequar e adquirir aderência ao treinamento de musculação.

De maneira alguma estamos culpando os professores de musculação por essa deficiência neste setor, mas trazemos a seguinte inquietação: Será que as academias não deveriam se preocupar mais em ter um corpo profissional mais consistente e completo para dar o amparo aos alunos (as) da musculação visto o risco que há para a saúde, em aspectos gerais, dos indivíduos quando são realizados exercícios com sobrecarga de forma errada?

Com essa limitação bem evidente nas salas de musculação, alguns alunos (as) preferem conhecer e ir atrás das aulas coletivas para terem seu próprio olhar sobre esse tipo de prática. Os professores relataram que essa

comparação entre musculação e aulas coletivas se faz bastante presente entre seus alunos (as), mostrando, de fato, as limitações da musculação em não conseguir contemplar os objetivos de todos os seus alunos (as) e os cuidados que eles deveriam receber. Por mais que não haja critérios de inclusão na musculação, na maioria das vezes, essa modalidade acaba sendo bastante excludente, pois não consegue, de fato, incluir e atender todas as necessidades e demandas dos sujeitos que a praticam.

Nesse sentido, o Professor 'B' coloca:

“como aqui é mais fácil de fazer aula do que lá embaixo” (musculação). No sentido do controle, porque ali nós conseguimos controlar todos os alunos (as). Aquela coisa, 15 repetições e todo mundo fazendo junto as 15 repetições, elas se sentem muito vigiadas ali, aquelas que não têm condições de ter um *personal*, por tabela elas estão quase que tendo um atendimento personalizado. Questão de carga tu não tem como controlar, então nisso tu perde, mas tu consegue que a execução delas seja conforme tu estás solicitando e essa é a atenção que elas gostam. (Entrevista professor 'B', 25/09/2019)

Uma observação muito pertinente a se fazer é nessa fala do professor 'B' é quando ele cita que suas alunas falam: “como aqui é mais fácil de fazer aula do que lá embaixo”, fazendo relação com a sala de musculação. Ou seja, na percepção deles, sim, existem certas carências dentro das salas de musculação fazendo com que, devido a essas deficiências, algumas pessoas deixam de praticar, não aderem em longo prazo e, mais importante ainda, dificulta que as pessoas tomem gosto pela musculação, fazendo com que seus diversos benefícios não sejam suficientes para fazer consistente a prática dela pela sociedade.

Sendo assim, esse mesmo público que se sente desamparado dentro das salas de musculação acaba, algumas vezes, recorrendo às aulas coletivas oferecidas pelas academias e conhecendo mais a fundo essa diversidade de aulas em grupo que as academias oferecem atualmente.

Além disso, essa questão do professor ter o 'controle' sobre os alunos (as) dentro das aulas coletivas é um fator muito relevante apresentado no que se refere à aderência e busca por esse tipo de aula pelos alunos (as). Conforme cita o Professor 'B' dentro das aulas coletivas é possível, mesmo que num grande grupo, acompanhar e auxiliar os alunos (as) para uma execução de movimento adequada, além de conseguir fazer as devidas correções dos exercícios para que os mesmos saiam da aula melhor do que chegaram e não

obtenham nenhum tipo de lesão ou desconforto durante e após o momento da aula.

Em contrapartida, as aulas coletivas também apresentam algumas peculiaridades. A falta de materiais nas academias, a motivação e planejamento dos professores, a heterogeneidade dos alunos (as) que compõe as turmas, entre outros exemplos são algumas carências presentes dentro das aulas coletivas.

Assim sendo, os professores enfrentam diversas dificuldades para trabalhar com as aulas coletivas, necessitando estar sempre se atualizando para não ter uma aula 'monótona e sempre igual', além de ter que ter cartas na manga visando construir os atrativos ideais de suas aulas, na busca de atrair alunos (as) novos para dentro de suas salas e para conseguir incluir a todos que já compõem o grupo.

Quando perguntado sobre as principais dificuldades e desafios trabalhando com as aulas coletivas o Professor 'B' relata que a maior dificuldade para ele é a questão das diferenças presentes entre os (as) alunos (as)

Ter um grupo heterogêneo. Tu tem que conseguir fazer uma aula que tu consiga atingir todos. Sabendo que tem pessoas mais velhas, pessoas mais novas, pessoas novas, limitadas com alguma coisa e tem que contemplar todo mundo. Tem que achar um denominador comum a ela e é muito difícil. (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Quando perguntada sobre as mesmas dificuldades e desafios encontrados no universo das aulas coletivas, a Professora 'A' foi um pouco mais a fundo em sua resposta e relatou o seguinte:

O desafio que tu tem, primeiro, driblar as diferenças, esse é um desafio bem grande, as diferenças que eu tô dizendo seriam grupos heterogêneos. Essa pra mim é a maior dificuldade porque numa aula coletiva tu tem grupos heterogêneos. De todas as experiências, em idade, em condicionamento físico, em limitações, em coordenação, em experiências de vida, enfim. Acho que esse é ponto básico e a maior dificuldade, pra mim, é essa. E a segunda maior dificuldade que eu encontro em aula coletiva é tu ter o material, não tô falando humano, mas sim as condições ideais de trabalho, isso é um desafio bem grande, então tu tem que ter uma criatividade muito grande pra poder driblar isso ai. Por que eu posso trabalhar numa academia 'top' que tem tudo e eu posso entrar numa outra que não tenha nada, então eu tenho que ser muito versátil. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019)

Assim sendo, percebe-se que a heterogeneidade dos sujeitos que compõe as turmas de aulas coletivas acaba sendo uma das maiores dificuldades encontradas por ambos os professores. Por não ter critérios de inclusão nas

aulas coletivas e apresentar um caráter muito inclusivo, os mais diferentes tipos de pessoas buscam e participam dessas aulas e os professores têm de buscar contemplar todos ali presentes.

Podemos, facilmente, fazer uma relação com o ambiente escolar onde, os professores de todas as disciplinas, enfrentam a mesma dificuldade referente a essas mais diversas diferenças. O grande 'x' da questão é que, deferentemente da escola, nas aulas coletivas de academia as pessoas estão de livre e espontânea vontade.

Dentro das aulas coletivas iremos encontrar alunos (as) com lesões articulares, com limitações de saúde, alunos (as) dos 16 aos 70 anos de idade, pessoas de diferentes contextos de vida e realidades sociais, pessoas de diferentes níveis de repertório motor, enfim, a heterogeneidade presenciada nessas aulas é enorme e recai sobre os professores uma grande responsabilidade de conseguir atender sem distinções e contemplando a todos ali presentes.

Além disso, a Professora 'A' enfatiza também, as dificuldades que enfrenta sobre as condições de trabalho dentro de algumas academias. Dentro de muitas academias os materiais de aulas coletivas são bem limitados fazendo com que os professores tenham de explorar a criatividade, improvisar e adaptar suas aulas para que possam contemplar todo o público.

De fato, é notório esses episódios em algumas academias, no que se refere às aulas coletivas e os materiais adequados para a prática. Em alguns tipos de aulas essa questão passa despercebida, zumba, ritmos, aulas de danças e lutas, onde são exigidos apenas o 'material humano' como cita a Professora 'A', são exemplos bem sórdidos .

Mas, por outro lado, aulas como o treinamento funcional, o *bodybump* (uma das modalidades que a Professora 'A' se consolidou no mercado), aulas de *Step*, aulas de RPM (Aulas de alta intensidade com bicicletas) entre outras aulas coletivas exigem determinado material que algumas academias não colocam como prioridade trazendo como limitação esse fator dentro do desenvolvimento das aulas coletivas.

Muitas vezes, a falta de alguns materiais faz com os professores venham a improvisar e uma dessas improvisações é colocar o pessoal a realizar as aulas

em duplas, contribuindo com que aconteçam diversos processos de socialização, interação, diálogo e convívio mais sólido dos integrantes das turmas de aulas coletivas.

Outro aspecto importante de ressaltar e que podemos tratar como limitação é o ‘distanciamento que os professores de aulas coletivas sentem em relação aos outros professores da academia, sejam eles, professores de aulas coletivas ou os professores da sala de musculação.

Às vezes o cara como professor de aulas coletivas não tem, muitas vezes, contato com os outros colegas. O cara chega, dá a aula e vai embora. Então o teu vínculo fica restrito aos teus alunos naquele período que tu tá ali dentro. Infelizmente, o cara, por muitas vezes, não se sente parte da equipe de professores. Sim, sinto isso também. Fica excluído, né?! Não que tu seja excluído, mas tu não é incluído. Tanto que quando tu usa a cozinha da academia, parece que tu é um estranho. “quem é esse cara aí?” (RISOS). (Entrevista Professor ‘B’, 25/09/2019)

Vale destacar na fala do professor ‘B’ que, na maioria das vezes, os professores de aulas coletivas não são ‘reconhecidos’ como integrantes do grupo de trabalho da academia. Isso se dá pelo fato de o professor chegar para dar suas aulas e não ficar muito tempo dentro do ambiente. Ou seja, pelo fato do professor não estar ali de forma integral ele acaba com uma imagem de ‘terceirizado’ naquele lugar.

Isso pode acontecer de forma indireta, sem a intenção dos outros profissionais que ali trabalham, mas na fala do professor ficou bem notório essa situação de ‘falta de inclusão’, para não dizer exclusão dos professores das aulas coletivas.

Obviamente que isso vai depender das relações que se constroem entre os professores também, do quanto, ambos os lados constroem certa proximidade, mesmo que num pequeno intervalo de tempo juntos no mesmo ambiente de trabalho.

Além disso, a proximidade que existe entre o professor de aulas coletivas e os (as) alunos (as) e pelas relações construídas nas aulas, torna esse processo muito mais alcançável para ambos os lados. Afinal, esse convívio e essa proximidade construída dentro das turmas de aulas coletivas torna o ambiente muito agradável e gostoso de estar presente.

Assim, dependendo da data, facilita que sejam realizadas aulas temáticas com direito a fantasias e brincadeiras no meio das séries de exercícios ou

coreografias de dança facilitando, ainda mais, a sociabilidade entre os alunos (as) da turma. Aulas onde ambos os professores desenvolvem estratégias para favorecer a socialização entre seus alunos (as), como fotos, brincadeiras, entre outras, tornando o ambiente muito aconchegante e acolhedor.

Esse tipo de aula é tão favorável para os processos de integração dos sujeitos das turmas de aulas coletivas que, na maioria das vezes, essas turmas se organizam em paralelo e acabam realizando encontros para além das paredes das academias mostrando ainda mais que essas relações construídas dentro das aulas coletivas vão para além desse espaço.

[...] Normalmente começa assim, tu tem uma aula temática, tu faz uma aula bacana ali dentro que, normalmente, se estende pra fora. “Bah, foi bacana nossa meia hora aqui dentro nessa aula temática. A gente tem que fazer isso mais vezes em um lugar que a gente possa ficar até mais tarde conversando”. Normalmente começa assim, uma aula diferente dentro da sala de aula dá aquele ‘gostinho de quero mais’ e depois começa a se reunir fora da academia. (Entrevista Professor ‘B’, 25/09/2019)

Interessante na fala do Professor ‘B’ é o interesse que alguns alunos (as) demonstram em transpor esses encontros para além das aulas. Na fala do professor, parece que os alunos (as) sentem essa necessidade, mostrando o quão forte são essas relações construídas dentro das aulas coletivas. Normalmente, turmas de aulas coletivas têm seus grupos de *whats app* para comunicação da turma com o professor sobre as aulas e outros motivos que vão além das aulas.

Além de demonstrar esse interesse em estender essas confraternizações para além do ambiente da academia, a movimentação que os alunos (as) fazem para que aconteçam de fato esses encontros também se mostra bem forte. Quando o Professor ‘B’ é perguntado de como ele conduz esses encontros para fora da academia ele comenta:

Professor ‘B’: Cara, ai normalmente, eu ‘tiro o meu da reta’ (risos). Não me envolvo nessas organizações. Eles mesmos se auto-organizam ali e eu vou. Claro, eu instigo, entendeu?! “Ó pessoal, vamos fazer um negocinho, tá chegando o carnaval, a páscoa, o aniversário de alguém”. Tipo, eu faço em agosto e em julho eu já começo a anunciar (risos). Então, tô sempre instigando a galera.

Matheus: A organização é feito pelo *whats app*? Sim, normalmente sim, falamos em aula, mas o assunto se dissolve no grupo do whats que só vai alterando de nome conforme a temática das festas. (Entrevista Professor ‘B’, 25/09/2019)

Então, na fala do professor podemos ver que esses encontros se dão bastante pela vontade dos alunos (as) em realizar esses eventos. Por mais que haja a iniciativa e por parte dele, são os alunos (as) que organizam os eventos e fazem acontecer. Isso nos mostra, de fato, o quanto essas relações que se constroem dentro das aulas coletivas perpassam o aspecto da prática da atividade física dentro das academias, mais especificamente, dentro das aulas coletivas.

Os grupos de *whats app* também mostram ter um papel importante nessa construção e na organização dos encontros fora da academia entre as turmas. Afinal, não podemos descaracterizar a prática em si das aulas coletivas e olhar apenas para o viés da construção dessas relações interpessoais que estamos analisando. As aulas coletivas têm seus horários fixos, assim, os assuntos até acontecem durante as aulas, mas eles se estendem e se consolidam no grupo de *whats app* posteriormente a aula.

Na mesma linha, quando a Professora 'A' é questionada sobre como conduz a organização desses encontros fora da academia ela citou:

Eu tenho muita sorte, em todas as academias que eu trabalho, coincidentemente, eu elejo, porque elas mesmas se elegem, e eu chamo de 'monitora', né?! Sempre digo que, em todas as turmas, eu tenho uma monitora. Mas isso não sou eu que escolho, são elas que tomam a frente. Mas elas mesmas se elegem, eu não tenho muito tempo, trabalho em vários lugares, então não posso tá organizando em tudo que é lugar. Então, em todas as minhas aulas, coincidentemente, sempre a mais 'popular' que toma a frente e aí eu passo esse evento pra ela. Então ela que organiza, ela que faz o whatsapp, ela que faz a lista, ela que diz onde é que vai ser, ela que recolhe o dinheiro, eu não faço nada disso. Eu tô fora disso aí, entendeu?! Então assim ó, concordo com os lugares propostos. Então digo: "fulana, lança lá". Lógico que eu tô lá no grupo, então quando a coisa tá meio confusa eu entro ali e amenizo. Então, eu tenho muita sorte porque sempre tenho essa 'monitora' sem querer, mas pra mim é ótimo. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019)

Semelhantemente, a Professora 'A' também se 'abstém' das organizações desses encontros que acontecem fora do ambiente da academia, até porque a professora 'A' tem muitas turmas em diferentes lugares. Mas esse 'se abster' não seria com um sentido negativo, mas muito mais no aspecto de maleabilidade pensando que o encontro tem que ser bom para todos os alunos (as) e não apenas para o professor (mesmo este talvez sendo o elo mais forte dessa corrente, visto que construiu essa união).

A professora 'A' ainda relata contar com 'monitoras' dentro de suas diferentes turmas facilitando bastante a organização desses eventos. Essas monitoras ficam encarregadas de 'liderar' a organização dessas confraternizações, ajudam na escolha da data e de lugares para a realização, auxiliam também na busca de ideias de o que ter de comer e beber nos encontros, além de outras coisas atreladas para este fim.

Mais uma vez, o *whats app* se mostra uma ferramenta muito importante na criação desses laços fraternais entre os alunos (as) das turmas, na aproximação das pessoas que compõem a turma e na organização dos encontros recorrentes fora da academia.

Assim sendo, foi possível perceber que as aulas coletivas se mostram espaços para a prática de atividade física, porém, vimos também que não são apenas buscada e praticada com essa finalidade. As aulas coletivas, através das análises das entrevistas, se mostraram um ambiente muito sociável e favorável à construção de laços de amizade, de interações sociais e relações interpessoais entre todos os sujeitos a ela pertencentes.

Fazendo assim, grupos de convivência se criam dentro das aulas coletivas e perpassando os espaços internos das academias tradicionais. Mais uma vez, não estou afirmando que na musculação isso não aconteça, mas afirmo que nas aulas coletivas isso acontece fortemente e evidentemente, mostrando que as aulas coletivas tem um grande papel sobre essas convenções sociais.

2. Um espaço que vai além da prática de atividade física

Para os professores entrevistados, as aulas coletivas vão muito além de um espaço meramente destinado para a prática de atividade física. Para os seus/suas alunos (as), como citado anteriormente, esse ambiente se mostra favorável para o desenvolvimento de relações interpessoais dentro do espaço das aulas e fora também, além dessas relações, outros vínculos, além de laços de amizade também se constroem dentro do universo dessas aulas.

Para os entrevistados as aulas coletivas são espaços que, além de serem muito inclusivos também tem uma grande capacidade de proporcionar aos/as alunos (as) diversas possibilidades de sociabilidade dentro dos momentos das aulas. Para ambos os entrevistados, como veremos mais a frente, as aulas

coletivas conseguem fazer com que, muitas vezes, os laços criados e as relações construídas se expandam para além das paredes da academia.

Quando falamos sobre sociabilidade, posso citar, com certa autoridade, o trabalho desenvolvido por Stigger, Gonzalez e Da Silveira (2007) que apresenta uma grande complexidade e diversidade por trás deste conceito e os diversos 'usos' do mesmo. Além disso, a pluralidade que existe por trás de conceito de sociabilidade nos permite compreender melhor esses processos e entender que a sociabilidade pode advir de diferentes formas dentro da sociedade e diferentes ambientes:

A aproximação das ciências sociais na busca de uma reflexão sobre o conceito de sociabilidade permite confirmar as afirmações que apontam ser este um dos termos mais utilizados nesse campo (Silva. 2000). Só nas Atas da XXIV Reunião Brasileira de Antropologia (2004), o conceito é mencionado em sessenta resumos, falando-se sobre: "formas de sociabilidade [...] nos ritos" (p. 78), "sociabilidade juvenil" (p. 100), "sociabilidade presente em grupos culturais [...]" (p. 102). "sociabilidade masculina" (p. 06). "sociabilidade envolvida no consumo" (p. 105). "novas sociabilidades" (p. 09), "sociabilidade de f ...] torcedores" (p. 113). "novas formas de sociabilidade" (p. 1 17); "redes de sociabilidades". "possibilidade de sociabilidade" (p.129). "moderna sociabilidade" (p.137). "formas de sociabilidade" (p.139). "sociabilidades produzidas" (p.140). "sociabilidade na metrópole" (p.143), "sociabilidade no mundo contemporâneo" (p.174). "sociabilidade quotidiana" (p.214). "processos de sociabilidade vividos" (p.237). "sociabilidade camponesa" (p.237), "espaços de sociabilidade" (p.249). "sociabilidade Kamaiurá" (p.263), "sociabilidade de ambientes [...] GLS" (p.284). "padrão de sociabilidade" (p.286), "novas práticas de sociabilidade" (p.309). "sociabilidades atuais" (p. 409), "sociabilidade singular" (p.414), "sociabilidade nas praças de mercado" (p.422), "sociabilidade violenta" (p.422). "sociabilidades urbanas" (p.427). "sociabilidade humana" (p.435), "práticas de sociabilidade" (p. 437), "sociabilidades virtuais" (p. 445), "circuito de sociabilidade" (p. 462), "sociabilidade jovem" (p.472). "sociabilidade contemporânea" (p.503). "sociabilidades primária e secundária" (p.520). "sociabilidades diferenciadas" (p. 555), "sociabilidade dos enlutados no cemitério" (p.591), entre outras. O emprego do termo permite constatar a utilização do conceito com sentidos diversos e abrangentes (Silva, 2000; Vázquez, 1986). Próximo de uma ideia genérica referida à relação entre indivíduo e sociedade no certa competência para viver em sociedade. (p.14)

Através da citação anterior é possível perceber a grande diversidade por trás do conceito de sociabilidade e seus diferentes direcionamentos que podem

ser caracterizados esses mesmos processos. Contudo, como citado no início deste trabalho, utilizaremos o conceito de sociabilidade referido como um processo de interações sociais e criações de vínculos decorrentes dentro do ambiente das aulas coletivas e analisarei de que forma esse processo se desenvolve e se consolida no universo *fitness*.

A sociabilidade pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados, podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de proporcionar a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos. (BAECHLER. Apud STIGGER, GONZALEZ, SILVEIRA. (2007, p. 16).

Assim, me apoiarei nessa definição de Baechler visando desenvolver meu trabalho através dessa concepção de que o processo de sociabilidade que ocorre dentro das aulas coletivas não está atrelado apenas aos objetivos voltados à parte física dos sujeitos pertencentes às aulas, mas também por um processo que se dá através das interações e relações interpessoais que acontecem, evidentemente, dentro desse tipo de aula.

Nessa lógica, Alves; Trovó; Nogueira (2010) citados por Sena (2015) colocam que:

O profissional deve estar preparado para proporcionar aos seus alunos prazer, motivação, alegria e satisfação, visando o objetivo individual de cada um e possibilitando que opinem, valorizando a troca de experiências entre um e outro. Dessa forma é valorizada a socialização e sociabilidade como fatores importantes nas suas vivências. (p.16)

Analisando mais profundamente esses fatores citados acima por Sena (2015) concordamos sobre o professor ter de estar preparado para proporcionar os aspectos citados aos seus alunos (as), porém, podemos questionar a parte da motivação e da alegria dos professores, pois assim como todos os seres humanos, eles também têm suas vidas fora à academia.

Sendo assim, penso que, tanto a motivação quanto a alegria dos mesmos, serão subjetivas e dependerão de uma série de fatores de diversas questões da vida desses professores. Sabemos que sim, esses dois fatores são de suma importância para quem ministra aulas coletivas, mas não podemos definir como padrão que os professores sempre estarão alegres e motivados nas

suas aulas, pois isso dependerá de algumas outras questões externas ao seu meio de trabalho e nem sempre os professores conseguirão não transparecerem suas aflições pessoais dentro de suas aulas.

Por outro lado, os professores relatam que suas aulas apresentam condições e elementos que favorecem a construção dessas relações interpessoais dentro de suas aulas. Assim, grupos de convivência se formam recorrente às aulas coletivas com interferência, ou não, dos professores.

Ai que tá, o aluno chega mais tímido ai eu percebo que daqui a pouco ele se identifica com alguém. (...) eu gosto muito de fazer aula em dupla e é uma forma que eu tenho de aproximar e quem faz as duplas sou eu, não é o aluno. Porque? Por que eu giro esse aluno. E isso é uma coisa muito legal porque é uma forma deles se conhecerem também, né?! Eu acho isso legal também. Por que a aula coletiva te propicia isso e eu gosto. Eu sempre brinco que eu tenho 5 minutos da aula que eu chamo de 'momento Kids', eu brinco que é o momento brincadeira, pode ser no final da aula, durante o alongamento, pode ser no intervalo entre um exercício e outro que eu faço alguma coisa onde um vai ter que fazer uma troca com o outro e eu acho que ali é o momento que eles começam a se identificar, ver suas tribos e começam a se aproximar. (Entrevista professora 'A', 04/10/2019)

Vale o destaque sobre a preocupação da professora em realizar o 'momento kids', fazendo as pessoas que estão ali desopilarem da rotina de vida diária com alguma brincadeira em grupo ou atividade integrativa sem fins de desempenho ou condição física, mas muito mais no objetivo de ajudar a descontrair as pessoas ali presentes. Além disso, a iniciativa e predisposição da professora em organizar aulas em duplas, fazendo o rodízio dessas duplas também me parecem caracterizar como uma grande ferramenta que facilita a construção desses grupos de convivência e um exemplo da participação direta da professora nesse processo.

Outro fator que vale destacar é a preocupação da professora com que seus alunos se aproximem e criem estes vínculos dentro das aulas, talvez, pela vasta experiência que tem com aulas coletivas, saiba que essa afinidade entre os alunos sejam aspectos importantes para a adesão e permanência dos/das alunos (as) dentro do grupo e dentro das aulas tornando aquele lugar um espaço que ultrapassa a simples prática de exercício dentro da academia.

Quando a professora 'A' foi perguntada sobre aulas coletivas atuarem como um espaço onde os/as alunos (as) conseguem construir laços e relações

que vão além da prática de atividade física ela foi bem enfática em acreditar que sim, é um espaço com grande potencial para esse tipo de processo.

Total, pra mim não existe um lugar melhor! Eu tenho como experiência pessoas que se conheceram ali e são amigas, muito amigas. É interminável o número de pessoas que eu conheço, justamente por isso, porque ela chega, ela conversa.[...] Enquanto o professor tá lá arrumando o som, arrumando o material os alunos vão chegando, é uma forma que eles socializam, aí um já conta uma coisa, o outro conta outra. O próprio professor propicia isso. [...] tenho milhões de exemplos, milhões. Amigos, amigos mesmo, em todas as academias que eu trabalho eu fico impressionada e eu fico tão feliz também porque às vezes eu olho e penso: “sem querer eu aproximei essas pessoas, indiretamente”. (Entrevista professora ‘A’, 04/10/2019).

Podemos observar que para a professora ‘A’ as aulas coletivas, de fato, vão muito além de apenas um momento e lugar para praticar exercícios físicos. Podemos ver em sua fala que esse processo de interações interpessoais pode acontecer pelo fato de as pessoas que ali estão, em seus momentos de lazer, parecem buscar as aulas coletivas predispostas a encontrar um lugar descontraído para rirem, se divertirem e fazer amigos para além da prática física mesmo sem a intervenção do professor como visto no caso anterior citado acima.

Muito pertinente também, a observação da professora referente ao momento que os/as alunos (as) vão chegando e interagindo uns com os outros enquanto ela arruma o som e prepara os materiais que serão utilizados durante a aula. Isso mostra que, não necessariamente, precisa a intervenção do professor para que esses processos ocorram dentro das aulas coletivas.

Acho importante destacar que, com seus 31 anos de experiência profissional dentro do universo *fitness*, ela presenciou muito e ainda continua presenciando esses processos de socialização acontecer dentro das academias. Mais especificamente, nas aulas coletivas que ministra nos mostrando que sim, as aulas coletivas acabam tendo esse potencial vultoso referente à criação de vínculos e processos de sociabilidade entre seus praticantes.

Além disso, me chamou a atenção o fato de a professora relatar também, a satisfação e alegria que sente ao perceber esse processo de construção de relações interpessoais, fortes amizades e o próprio processo de sociabilidade acontecendo, até hoje, dentro de suas aulas e ultrapassando o âmbito das aulas e prática de exercícios.

Já em relação ao professor 'B', ao ser questionado sobre aulas coletivas atuarem como um espaço onde os/as alunos (as) conseguem construir laços e relações que vão além da prática de atividade física, ele relatou:

Prof. B: Com certeza, sem sombra de dúvidas. Bah é o número 1.

Matheus: Você presenciou isso nas tuas turmas?

Prof. B: Direto, presencio muito, muito.

M: Desde sempre ou começou a perceber de uns tempos pra cá?

Prof. B: Cara, eu já peguei turmas que não tinham nada de convívio e acho que o principal pra isso se formar, é o professor, entendeu?! Como o professor leva a aula dele. Tu aproximar as pessoas. [...] eu gosto de fazer isso. Eu tenho o caso de duas alunas que eram bem distanciadas e quando tiveram uma oportunidade de conversar e hoje são *'the best friends'*. E cara, eu faço de tudo pra, chegou aluno novo, socializar ele da melhor maneira possível. Eu tenho que fazer isso, não posso deixar para os alunos. Por que normalmente, o aluno é egocêntrico, entendeu?! (Entrevista professor 'B', 25/09/2019)

Por outro lado, vale o destaque na fala do professor 'B', em que podemos observar que ele busca sempre fazer esse intermédio, desde o primeiro momento de aproximação dos/das alunos (as) que entram em suas aulas para que eles se sintam acolhidos dentro das aulas e possam se sentir a vontade naquele ambiente, favorecendo sua participação e permanência ali. Essa fala informa muito sobre todo esse processo e o quanto o professor (por mais que não seja necessário para que aconteçam esses processos) se mostra importante nessa construção.

O professor 'B' sente que tem essa obrigação enquanto ministra suas aulas visando o bem-estar dos seus/suas alunos (as), pois, segundo ele, esse acolhimento e sensação de pertencimento ao grupo já constituído podem favorecer na motivação dos/das alunos (as) que vão chegando e, conseqüentemente, fazendo de suas aulas um ambiente prazeroso, amigável e confortável para todos. Além disso, na visão dele, o modo como o professor leva a aula é um fator importante nessa construção de relações entre os/as alunos (as), pois pode direcionar para que isso aconteça, ou não.

Mesmo com alguns exemplos das relações estudadas que podem ocorrer sem a intervenção dos professores, a participação deles é um dos facilitadores mais favoráveis para que aconteçam esses fenômenos numa proporção maior, ou seja, da turma toda e não apenas grupos separados. Afinal, o professor é uma figura pública e, conseqüentemente, pode ser positivo quando este

consegue interagir com todos seus/suas alunos (as) e, além disso, consegue integrar a turma como um todo, mesmo com toda sua heterogeneidade.

Nesse sentido o Professor 'B' reflete sobre ajudar nesses processos dentro das suas aulas e relata:

Muito, acho que eu sou a cabeça disso tudo. Cara, o professor, pra mim, é a peça mais importante do mundo. É o cara que faz as coisas acontecerem, em todos os aspectos, só que somos um pouco sobrecarregados com tudo isso também. Bons professores formam bons profissionais. Acho que o professor é a principal engrenagem da turma. (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

No mesmo sentido, a Professora 'A' coloca:

Eu acho que eu ajudo. Obvio que tem pessoas que chegam e, por natureza, são super enturmadas, já chega e já vai se comunicando e já vai, né?! Mas eu acho que eu ajudo demais, demais nesse processo através até das atividades que eu faço. De duplas, de estarem juntos, quando vai fazer um trabalho de funcional que o cara tem que olhar pro colega do lado, isso ai é muito bom. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Com isso, vemos que ambos os professores se engajam e se dispõem em ter essa participação ativa dentro da construção dessas relações e grupos de amizades dentro das aulas coletivas. Achei relevante destacar sobre, conforme diz o Professor 'B', o professor ser a 'engrenagem da turma' e 'a peça mais importante do mundo' referente a esta temática.

Assim, podemos observar que o professor, de fato, tem uma ação importante, não exclusivo, mas importante nesse processo da construção de grupos de convivência e na integração dos sujeitos de suas turmas, tornando as aulas coletivas como espaços que propiciam isso aos seus praticantes.

Nessa lógica, Martins (2008) citado por Sena (2015) coloca que:

As características dos profissionais de Educação Física relacionadas com permanência dos alunos e sucesso das aulas, em academias de ginástica, implicam diretamente num perfil extrovertido, comunicativo, criativo e competente durante as explicações e demonstrações dos exercícios e correções dos alunos durante os exercícios (p.17).

Assim sendo, a conduta e direcionamento que cada professor dá em suas aulas vai favorecer (ou não) com que esse tipo de processo ocorra. Se o professor apenas se preocupa em chegar na academia, ministrar suas aulas e ir embora ao final do seu horário, provável que dificilmente esses processos aconteçam com tanta facilidade. Então, quando o professor se preocupa em ser

o intermédio dessa construção esse processo se torna muito mais alcançável dentro das aulas coletivas.

Cara, o meu objetivo é alegrar o meu aluno, entendeu?! Eu tenho que fazer ele sair de lá, no mínimo, sorrindo, melhor do que ele chegou. Esse é meu objetivo. Se eu tiver que mudar a estrutura da aula, deixar de lado a estrutura de um treinamento e tiver que fazer algo que o agrada, então eu vou fazer algo que agrada o aluno, entendeu?! Por que ali, os que buscam essas aulas, principalmente de dança, não estão preocupados com fins estéticos, a preocupação deles é cabeça. Tanto que eu não recebo cobranças de alunos dizendo: “Lucas tô aqui na tua aula há um ano e não emagreci nada ainda.”. Eu nunca escutei isso ai. A minha aula, mesmo se eu mudasse de modalidade, fosse pra aula de Ritmos ou Funcional Dance, continuaria a mesma coisa. O que eu vejo é a visão de “eu não tô aqui pra emagrecer, tô aqui pra convier, tô aqui pra esquecer meus problemas do dia a dia”. (Entrevista Professor ‘B’, 25/09/2019)

Podemos perceber na fala do Professor ‘B’ o quanto ele se esmera para fazer esse direcionamento e auxilia diretamente nesses processos. Além disso, o mesmo relata que os objetivos dele ao planejar suas aulas é ‘alegrar seus/suas alunos (as)’. Ou seja, além da parte física inerente a aula, ele também busca essa satisfação paralela de seus/suas alunos (as). Muito potente na fala dele quando cita que busca que seus/suas alunos (as) saiam sorrindo e melhor do que chegaram na aula. Isso nos mostra a preocupação do professor e do zelo com as suas turmas, buscando o bem-estar de seus próximos.

Mesmo que esse processo possa acontecer naturalmente, sem o intermédio do professor, o desenvolvimento do mesmo se torna muito mais fácil quando o professor, ao conhecer e se comunicar com todos os/as alunos (as), favorece e facilita esse acontecimento. Sabemos que dentro da mesma turma pode haver pequenos grupos (fechados) de convivência e se o professor tem suas estratégias de interação entre seus/suas alunos (as) ele consegue fazer acontecer à integração de todos, tornando esse processo de relações e interações interpessoais um dos atrativos de suas aulas.

Nesse sentido, a professora ‘A’ relata:

[...] Eu sempre gosto de jogar um assunto na roda e fazer todos participarem. Assim, eu faço uma pergunta, pergunto as opiniões. Nessa troca que o cara diz: “ah, eu penso isso” e o outro diz: “eu também penso igual a ti”. As pessoas vão se identificando e isso tu só consegue em aulas coletivas. (Entrevista professora ‘A’, 04/10/2019)

Visto isso, percebe-se o esforço da professora em desenvolver, de fato, estratégias que visam e despertam a integração de seus/suas alunos (as)

despertando, ainda mais, o processo de aproximação e identificação deles com seus próximos também presentes na mesma aula. Os diálogos extra aula favorecem a interação entre as pessoas que ali estão, mostrando que temos mais esse fator que, intermediado pelo professor, também pode ser um facilitador para a construção dessas relações e dos vínculos que buscamos entender neste estudo.

Não de hoje que uma boa prosa ou diálogo com alguém, desconhecido ou não, independente do contexto, é uma situação favorável para se conhecer melhor as pessoas, criar condições de aproximação e elos entre as partes, além disso, a troca de ideias sobre quaisquer situações e assuntos, entre outras diversas estratégias que parecem serem criadas para o início ou fortalecimento de um vínculo social ou relação interpessoal.

Dependendo do assunto então, proporciona, ainda mais, a interação entre os sujeitos ali presentes, criando momentos de descontração, diálogo, interações diretas por proximidade de opiniões fazendo os alunos se conhecerem melhor, facilitando assim, o fortalecimento do vínculo entre eles e, às vezes até, criando amizades que percorrem a vida fora academia. Assim, essa é uma das estratégias da professora que se mostram positivas, no que se refere à formação de vínculos entre seus/suas alunos (as) e fortalecendo o grupo de convivência das aulas coletivas.

Para os professores entrevistados, o convívio com seus/suas alunos (as) e suas turmas, os vínculos criados entre os mesmos e as trocas que ocorrem dentro do grupo são vistos como os fatores mais relevantes no que se refere ao que mais lhes agrada enquanto professores de aulas coletivas.

Matheus: O que mais lhe agrada nas aulas coletivas?

Professor 'B': O convívio.

Matheus: Com quem?

Professor 'B': Aluno e professor, muito!

(Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Matheus: O que mais lhe agrada nas aulas coletivas?

Professora 'A': A troca! A troca que eu tenho com as pessoas, os alunos. E o retorno que eu vejo de satisfação, do bem que uma aula coletiva causa a tanta gente. A forma como tu interage com o aluno é diferente, a aula coletiva é totalmente diferente, entendeu?! Tu tem um retorno muito legal porque tu começa a conhecer o teu grupo, tu

começa a ver as individualidades, tu começa a ver as diferenças, é muito legal. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Quando parti para a pergunta 'o que mais lhe agrada em trabalhar com as aulas coletivas?' com os professores entrevistados encontrei respostas bem interessantes e relatos sólidos de ambos no que se refere aos vínculos construídos nessas aulas, a gratidão deles sobre isso e, também, sobre as relações que se constroem dentro desse mesmo ambiente e as ramificações que essas relações tomam dentro das aulas.

O Professor 'B' diz que o convívio que ele tem com seus/suas alunos (as) é o que mais lhe agrada em trabalhar com esse tipo de aula. Assim, percebe-se que, muito além da aula propriamente dita, o convívio dele com o grupo e vice-versa é um fator extremamente relevante para ele.

Por outro lado, a Professora 'A' relata que, além do convívio, 'a troca' que tem com seus/suas alunos (as) é o fator mais gratificante para ela referente às suas aulas. Relata que percebe a satisfação e o bem que esse tipo de aula gera em seus/suas alunos (as), além da interação que existe e acontece dentro desse ambiente das aulas.

Ainda nesse aspecto, vale destacar a fala da Professora 'A' que diz o seguinte: "a aula coletiva é totalmente diferente, entendeu?! Tu tem um retorno muito legal porque tu começa a conhecer o teu grupo, tu começa a ver as individualidades, tu começa a ver as diferenças" (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019). Nessa frase podemos observar o que a professora pensa referente a essas relações que estamos discutindo e ela relata que acha muito legal conhecer o grupo com que trabalha e entender um pouco da heterogeneidade de cada um que compõe a sua turma.

Essa aproximação entre todos os sujeitos das aulas coletivas são fatores consideráveis na constituição desses grupos de amizade e de convivência que busquei compreender mais profundamente neste estudo. Além disso, sabemos que quando as pessoas de um grupo se conhecem e apresentam certa familiaridade uns com os outros, fazem desse grupo um grupo forte e unido. Sendo assim, podendo ser este, mais um dos fatores importantes para que este processo aconteça dentro do universo das aulas coletivas.

Os professores entrevistados foram questionados sobre aspectos que eles identificam fazer os alunos buscarem as aulas coletivas dentro das academias e as respostas destes, me trouxeram elementos importantes referentes ao objetivo buscado nesse trabalho e as questões norteadoras do mesmo.

Matheus: Quais aspectos você identifica que fazem os alunos em buscarem as aulas coletivas? (ao longo desses anos de trabalho)

Professor 'B': Vamos dizer assim, a afinidade que se constrói no grupo, entendeu? O convívio que é criado dentro do grupo de aulas coletivas.

Matheus: Tu acha que isso faz com que a galera procure esse tipo de aula? Não que seja o objetivo, (...) então, a primeira opção para quem não gosta da sala de musculação são as aulas coletivas. Então tu vê os outros fazendo, é um trabalho uniforme, todo mundo repetindo o mesmo movimento, isso pensando na aula de ginástica localizada, por exemplo e isso acaba motivando. (...) Depois que eles vão lá e conhecem isso entra o segundo ponto que é referente ao grupo que se forma. Tanto que nos grupos de ginástica são grupos que se estendem para fora da academia. As minhas turmas são assim, se estendem. Tanto que em uma das academias que eu dou aula, já tem agendado o natal, festa a fantasia a gente faz.

Matheus: Na academia e fora dela?

Professor 'B': Não, isso é fora da academia. Em outra das academias, anualmente, a gente se encontra no sítio de uma das alunas, os alunos vão todos para o sítio dela.

Matheus: Os alunos só das coletivas ou de toda a academia?

Professor 'B': Só das coletivas. É um grupo como se fosse muito a parte da academia. Tanto que quando teve a festa junina indaguei: "Vamos fazer toda a academia?" e elas disseram: "Não, só o pessoal da Zumba". Entendeu?! (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Nesta fala do Professor 'B' é possível observar que, na sua visão, a afinidade que se constrói no grupo é um dos fatores cruciais para os/as alunos (as) buscarem as aulas coletivas, além disso, o convívio que os/as alunos (as) desenvolvem dentro das aulas também são aspectos positivos para os mesmos buscarem nas aulas coletivas as suas atividades físicas do dia a dia.

O Professor 'B' também relatou que, na maioria das vezes, os grupos de ginásticas são grupos que se estendem para fora das paredes da academia. Disse que as turmas com que ele trabalha são assim, tentam e realizam eventos fora da academia com todos os que compõem a turma.

Inclusive, uma das academias onde trabalha, a turma de aula coletiva já tem organizado o evento de natal, em outra academia é realizado, pelo menos, um encontro pro ano no sítio de uma das alunas visando confraternizar e poder conversar coisas que, às vezes no pouco tempo que se tem de aula, não seja possível dentro da academia.

O professor também relata que, para ele, os grupos de aulas coletivas são ‘algo a parte’ das academias com suas peculiaridades e subjetividades coletivas. Em uma tentativa de realizar a festa junina com toda a academia, tentando agregar o restante das pessoas em suas confraternizações, as próprias alunas disseram que não queriam abrir a confraternização para o restante da academia.

Podemos ver que, exclusivamente, para essa turma a segregação foi uma opção mais viável ao invés de unirem-se com o restante das pessoas e isso mostra, como dito pelo professor, que os grupos são, de fato, ‘algo a parte’ dentro das academias. Em minha análise isso não é um fato ruim, pelo contrário, mostra o quão consolidado é a relação construída entre essa turma.

Quais aspectos você identifica que fazem os alunos em buscarem as aulas coletivas? (ao longo desses anos de trabalho)

Eu acho que o que motiva o aluno a buscar uma aula coletiva, primeiro, porque é uma forma de socializar. Às vezes de socializar e às vezes, por ter muita gente, é pelo fato de “ninguém se dar conta de que eu tô aqui”. Eles também podem pensar isso. No anonimato, “tem 20 aqui, eu vou ficar mais no cantinho e ninguém vai se dar conta”, entendeu?! Por que tem gente que tem muita dificuldade, vergonha de ir pra uma academia. Ali é um grupo heterogêneo, então “eu não vou ser tão notado como se eu tiver numa atividade que sou só eu”. (Entrevista Professora ‘A’, 04/10/2019).

Quando foi a vez da Professora ‘A’ falar sobre o que ela acha que são esses aspectos importantes na busca dos alunos pelas aulas coletivas, ela relatou que, pelo que pode perceber, acredita que pelas aulas coletivas serem um lugar onde as formas de socialização são diversas, esse tipo de aula acaba gerando certo ímpeto e tentação em quem apenas observa as aulas de fora.

Outra situação que ela relata é no possível anonimato que uma aula coletiva pode gerar aos seus praticantes e o quanto isso pode ser positivo para muitos, por mais estranho e incrível que isso pareça.

Assim sendo, algumas vezes, os/as alunos (as) vão para a academia por recomendações médicas ou outras situações e não por que realmente gostam de praticar exercícios, além disso, a timidez de muitas pessoas, entre outros fatores subjetivos dos/das alunos (as) fazem com que eles só queiram entrar na academia, fazer minimamente o necessário e ir para suas casas. Então, para a Professora ‘A’, as aulas coletivas ajudam essas pessoas, pois dentro de um grupo tão heterogêneo, essas pessoas se sentem acolhidas e não excluídas, de certa forma, até porque o papel do professor é incluir todos dentro de sua aula, sem distinção de nível motor, idade, limitações corporais, entre outras questões.

Dentro das aulas coletivas é bem possível encontrar pessoas que, quando faziam apenas musculação, interagem de uma forma dentro da academia e quando conheceram o universo das aulas coletivas, parecem encontrar a segunda parte de si nestas aulas se 'soltando' mais naquele ambiente.

Então, eu sempre digo, se tu é uma pessoa muito sozinha, se tu soubesse que se tu te matriculasse numa academia e fosse para uma aula coletiva, tu pode ter certeza que sozinho tu não vai ficar, sempre vai ter alguém pra conversar e tudo mais. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Isso, provavelmente, se dê por esses motivos citados acima, assim como o convívio e a afinidade que as aulas coletivas podem proporcionar aos seus praticantes, tornando esse ambiente, um ambiente aconchegante e acolhedor a essas pessoas menos interessadas pela prática da atividade física, mostrando uma grande ressignificação das práticas corporais, (re) atraindo o interesse em diversas pessoas.

Depois disso, perguntei aos professores o que eles achavam que seriam pontos importantes no que se refere à permanência dos/das alunos (as) dentro das aulas coletivas depois de entrarem e conhecerem esse tipo de aula dentro das academias.

Quais aspectos você identifica que fazem os alunos se manterem nas aulas coletivas? (ao longo desses anos de trabalho)

As pessoas pensam, quando tu faz uma aula coletiva ou, seja lá o que for, na parte do condicionamento físico, né?! E eu não vejo isso, eu acho que o que motiva o cara a ir numa aula coletiva não é só o condicionamento físico. Eu acho que tem tudo a ver com aquilo que eu te falei, com a troca entre as pessoas, entendeu?! A troca. E a identificação, eu acho que quando ele entra numa aula de ginástica coletiva e ele é bem acolhido, ele não sai mais. Porque ali ele é tratado pelo nome, ali o professor sabe quem ele é, se ele tá bem, se ele não tá, se ele tem a dor, pela cara do aluno tu já sabe. E se ele é bem acolhido e tem essa atenção que eu acho essencial, que é o diferencial, ele não sai mais. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Para a professora 'A' não é apenas a busca por condicionamento físico, benefícios estéticos e afins que se mostram aspectos relevantes que fazem os/as alunos (as) permanecerem dentro das turmas de aulas coletivas, mas sim as relações, as trocas, a identificação entre os sujeitos das turmas. Como as aulas coletivas são espaços que tem a capacidade de gerar essa proximidade entre os praticantes, muitas vezes, os/as alunos (as) se chamam pelo nome, se conhecem mais 'profundamente' criando assim o vínculo que faz eles ali permanecerem.

Além disso, na visão da Professora 'A' os/as alunos (as) serem bem acolhidos pela turma e até mesmo pelos professores se torna um ponto positivo nessa permanência do aluno. Esse acolhimento vai ao encontro com o que Professor 'B' citou anteriormente dizendo que, algumas vezes, as aulas coletivas acabam sendo um espaço onde os/as alunos (as) acabam tendo um atendimento 'personalizado' com a devida atenção para o melhor desenvolvimento da aula, favorecendo tanto o professor quanto o/a aluno (a). Com isso, essa atenção recebida pelos os alunos que se sentem desamparados em outros espaços da academia, se mostra uma característica relevante desse acolhimento por parte do professor e, conseqüentemente, da turma.

O Professor 'B', trás em sua próxima fala alguns aspectos importantes para essa análise mais profunda sobre este tema tão pouco explorado dentro do ambiente acadêmico e científico que são as aulas coletivas de academia como um espaço de formação de grupos de amizade e convivência e não apenas um espaço voltado à prática de exercícios físicos.

[...] Tipo, o que vai fazer o aluno permanecer na tua aula é o grupo, entendeu?! Se ele não se sentir acolhido pelo grupo ele não volta, mesmo a tua aula sendo maravilhosa. Porque quando tu tem um grupo forte, se tu entrar ali e tu não te misturar, te socializar, tu automaticamente tu se exclui, entendeu?! Então, o retorno dele é uma certeza de que ele tá conseguindo se inserir no grupo e os vínculos tão se criando. O cara que entra na aula "eu quero só fazer minha aula de Zumba" não fica. Tu vê que ele mesmo se exclui. Então tu ver que o aluno tá indo e tá voltando tu percebe que o vínculo tá se formando. (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Por outro lado, algumas falas dos entrevistados chamam a atenção para as adversidades encontradas por eles e presentes dentro do universo das aulas coletivas. Algumas vezes os professores também encontram algumas dificuldades muito atenuantes dentro das turmas como a frieza de alguns alunos (as) ou a falta de familiaridade entre seus/suas alunos (as), assim como a classe social dos/das alunos (as) também se mostra um dos aspectos limitantes para a constituição dessas relações afetivas.

O Professor 'B' relatou que essas limitações enraizadas (sem a chance de mudanças ou maleabilidade para mudar) são situações que ele tem muita dificuldade em trabalhar. Disse que dar aula apenas por dar aula, não cabe ao seu perfil profissional. Assim sendo, quando encontrou esse tipo de perfil em algumas turmas, ele até tentou fazer algumas mudanças e adaptações visando

melhorar essas condições, mas quando percebeu que não seria possível, acabou pedindo para sair das academias.

Então, percebe-se que, às vezes, não vai depender, exclusivamente, do professor essa aproximação dos alunos. Como visto abaixo na fala do Professor 'B', alguns aspectos importantes referentes a esses processos fogem da vontade do professor em integrar a turma e aproximar seus/suas alunos (as) fazendo com que, algumas vezes, não seja possível que ocorra essas relações e formações de grupos de amizade nas aulas coletivas.

Professor 'B': Já tive turmas que não rolou. Nessa turma que não rolou eu pedi demissão.

Matheus: Porque tu acha que não rolou? Pra tu ter uma noção, eu dava aula numa rua e essa academia era duas ruas depois. As pessoas que frequentavam ali são as mesmas pessoas que poderiam frequentar a outra academia. Só que a academia em si se desenhou como uma academia de 'status'. Os caras moravam a duas quadras da academia e iam de carrão para a academia. Então dava pra ver que tinha muito individualismo, uma querendo ser melhor que a outra, não tinha convívio nenhum, pra mim ficou um clima insuportável. Dar aula por dar aula eu não vou, entendeu?! Ai pedi demissão! Tentei, todos os recursos que cabiam a mim, eu tentei, não sei se eu fracassei, mas não coube. Por outro lado, eu já tive uma turma que era muito individualista. Eu fui pra lá como 'salva-vidas', ninguém parava na turma da noite e o cara veio me pedir pra dar aula lá de noite. Ai ainda falei pro cara: "para eu vir de noite, tu vai ter que me pagar X" e o cara respondeu: "tá, eu pago!". Só que eu cheguei lá e a turma muito fria, muito sem convívio, sem nada. Tanto que quando era dia de ir dar aula lá eu pensava: "putz, tenho que ir lá pra academia Y". Bah, o clima era pesadíssimo, tanto que eu ia, dava aula e ia embora. (Entrevista Professor 'B', 25/09/2019)

Ainda assim, vimos anteriormente, na fala e na vivência dos professores entrevistados, diversos outros sentidos e perspectivas que mostram serem muito presentes e que acontecem com frequência essas relações e interações interpessoais nas aulas coletivas das academias.

A análise dessas relações, como elas acontecem e como se formam os grupos de convivência dentro dessas aulas foi o direcionamento central para essa pesquisa, contudo, na análise das respostas das entrevistas feitas pelos professores consegui encontrar muitos pontos que vão além do que me propus a pesquisar mais a fundo.

Assim, foi possível ter uma visão muito mais ampla sobre esses processos e o quanto isso impacta o desenvolvimento das aulas coletivas das academias de diversas formas. Os professores por terem uma experiência

consistente com esse tipo de aula me trouxeram aspectos detalhados sobre várias perspectivas que vão além da simples prática de exercício físico ou busca por resultados de desempenho e estéticos dentro de uma academia.

Portanto, as aulas coletivas se mostraram espaços propícios para a integração, o convívio entre seus participantes e a constituição de laços fortes entre os praticantes, além de proporcionar encontros fora do ambiente da academia, mostrando o quanto uma aula coletiva tem o poder de aproximar pessoas e tornar o que poderia ser uma busca individual de resultados de aspecto físico em um processo de socialização de grande magnitude.

3. Análise de caso específico da trajetória profissional da Professora 'A'

Tipo assim, uma das primeiras academias que eu trabalhei, o nome era Vila Olímpica e eu fui trabalhar nessa academia e peguei uma turma formada por que um professor saiu. Eu entrei, eu estava formada há dois meses. Eu fui dar aula de aeróbica e fui dar aula pra uma turma que o professor era 'top'. Todo mundo adorava aquele professor. Então, era um desafio muito grande porque fazia dois meses que eu dava aula (ele já dava aula há dois anos) e eu entrei naquela turma formada, né. Pensei: "bom, vamos pro tudo ou nada, né?!" E ai, como eu tava de 'sangue doce', pensei: "Ah, vamos lá". Eu fui sem medo, assim, fui sem medo!

Eu comecei a dar aula pra essa turma e, coincidentemente, na época, foi quando entrou outros tipos de aula e eu me identifiquei com essas outras aulas, *Step*, *Funk*, na época tinha também, então eu comecei a fazer esses cursos e comecei a botar pra essa turma que só tinha sempre a mesma aula. Ai tinham aulas segundas, quartas e sextas sempre de aeróbica, *aerolocal* que se chamava.

Ai, um dia cheguei e disse que daria uma aula de *step*, que eu tinha aprendido e eu acho que isso ai foi uma coisa que fez eles se encantarem por que era uma coisa diferente e eles estavam acostumados sempre com a mesma coisa, né?! Ai os alunos foram entrando e não parava de entrar gente e foi se juntando um grupo, todo mundo, coincidentemente morava por ali ou trabalhava ali perto.

Matheus: onde fica essa academia?

Professora 'A': Essa academia era onde é a Squash Fitness hoje. Eu trabalhei naquela sala por 27 anos. O nome daquela academia era Vila Olímpica, eu trabalhei com esse grupo que já era formado e ai ficou comigo e nunca mais saiu. Ai essa academia, Vila Olímpica fechou e ai todo esse grupo que já era muita gente ficou sem norte. "pra onde é que nós vamos?". Coincidentemente, o que aconteceu, os rapazes que trabalhavam nessa Vila Olímpica que fechou abriram uma academia a quatro quadras dali. Que se chamava Quadra 1. O que nós fizemos? Me contrataram, eu peguei todo mundo e 'pam' desabamos todos dentro da Quadra 1.

Era uma filial da Squash (Vila Olímpica) com outro nome e com outros donos. Fomos todos pra quadra 1. E dai, cinco anos depois, a quadra: "não queremos mais continuar com a academia". O que nós vamos fazer? Coincidentemente, o SESC, foi tudo muita coincidência. O SESC, que era na Avenida Brasil, então tu vê que foi coincidência mesmo, abriu uma vaga, me chamaram, eu fiz o teste e vou dar aula lá. Avisei: "pessoal, vou dar aula no SESC". Todo mundo foi pra lá (risos).

Estamos no SESC agora e ali no SESC eu tinha todos os direitos trabalhistas, carteira de trabalho, 13º, plano de saúde, perfeito. O SESC um entidade forte. Um ano e meio depois trocou a diretoria, eu dava aula pra 50 pessoas dentro de um ginásio, com

microfone, de repente, chegou a nova diretoria e disse: “Nós vamos encerrar as atividades de ginástica no Sesc e vai virar agora projeto CRIARE, de crianças”. Entrei em desespero (risos). Olhava para aquelas pessoas e pensava: “pra onde essas pessoas vão?” Só tinha mais um dia pra ficar no lugar, fiz um papelzinho no computador com meu nome, meu telefone e recortei. Cheguei lá e fiz que nem confete, espalhei: “peguem meu telefone e me liguem que depois a gente conversa”.

Perguntavam: “pra onde que tu vai?” eu dizia: “Eu não sei”. Fiquei desempregada, aí 50 pessoas me ligando perguntando pra onde eu ia e eu não sabia, comecei a procurar um lugar e achei uma sala na Sociedade Ginástica Navegantes São João, na Avenida Presidente Roosevelt. Cheguei lá e disse: “Moço, me aluga essa sala, por favor”. Era uma sala que tinha cheiro de comida por que ficava de fundos pra cozinha que era atrás dessa sala. Sabe aqueles ‘passa prato’? era uma madeira ali nesse lugar. Então imagina o cheiro de comida.

Não tem problema. Arrecadei o que o Sesc não queria mais de material, me deram algumas coisas, comprei outras, peguei esses sons de mão e comecei a ligar pra essas pessoas que estavam me esperando e disse: “Vamos começar as aulas de ginástica, das 18-21hs” Dei o endereço e dava 3 horários seguidos por que era muita gente, né?! Na época o SESC era muito barato, eles pagavam uma média de R\$10,00 e pra mim era R\$30,00. Que também continuava barato.

Ganhei bastante dinheiro na época, trabalhei muito e duro, mas ganhei esse retorno por que era muita gente. Trabalhava direto, dava aula das 18-21hs, aquele cheiro de comida, não tinha espelho, a gente tinha todos os equipamentos e a galera se divertia horrores. As 17hs a gente passava no meio do baile da terceira idade pra ir pra nossa sala e a terceira idade tomando cerveja lá no escuro e comendo batata frita que era o baile deles e nós indo pra ginástica. Nós ficamos ali muito feliz e maravilhosos e 7 meses depois, passo eu em frente a antiga Vila Olímpica e tinha uma obra.

Curiosa, parei o carro e entrei. “o que vai sair aqui?” “uma academia” me respondeu o cara. “de quem?” perguntei, né?! “Do fulano de tal”. Que era um dos meus colegas que era da Squash. Liguei pro fulano de tal: “Vem cá, tu tá abrindo a academia?” “Sim, tô abrindo” diz ele. Respondi: “Eu tenho turma e estou indo pra ai e não quero nem saber” (risos) ai ele me respondeu: “Vem”. Um mês depois inaugurei a academia acho que uns 40 alunos, não cabia, não tinha ar condicionado e era uma loucura, um calor com todos dentro daquela sala (risos).

Inauguramos, ficamos naquela sala e dessa turma toda. Então é essa história que eu te digo que da galera que vem me acompanhando, isso faz mais de 20 anos, dessa turma toda eu ainda tenho há mais tempo, tipo 25 anos, são 3, a Mônica, a alemoa e o Jerry. Tem outros dessa turma que estão há menos tempo, tipo 13 a 15 anos. Eu tenho uns 13 alunos que me conhecem desde que eu tinha 20 e poucos anos, hoje eu tenho 58. Isso é muito legal. Por isso meu vínculo. Então assim ó, a minha história é um pouco diferente do que rola, entendeu?! O meu vínculo com eles, além de ser um vínculo profissional que eu tenho, quando eu tô dando aula eu sou extremamente profissional, por mais que eu brinque, aula é aula, mas fora dali era muito bacana por que foi muito tempo. (Entrevista Professora ‘A’, 04/10/2019).

Será que apenas as aulas da professora foram capazes de tornar esse grupo tão forte a ponto de seguirem juntos mesmo com as trocas de local de atuação da mesma? A correria e esmero da professora em não deixar o grupo se dispersar foi um dos fatores importantes para essa trajetória tão longa? Porque os/as alunos(as) da professora, mesmo tendo oportunidade de buscar outros lugares para praticar exercícios, não o fizeram? O vínculo e o convívio

dentro das aulas se mostraram importantes para que este grupo permanecesse junto por tanto tempo? A pequena distância entre os locais de atuação da professora foi um aspecto importante para a não dispersão desse grupo?

Enfim, os questionamentos sobre essa trajetória da Professora 'A' são diversos e, a seguir por último, mas não menos importante trarei apontamentos e análises sobre alguns aspectos que pareceram se mostrar relevantes na compreensão para este grupo permanecer unido durante esse longo intervalo de tempo junto com a professora.

Nesta parte da análise falarei sobre os aspectos gerais dessa formação de vínculos, relações interpessoais e criação de grupos de amizade e convivência, porém, mais relacionado à questão da troca de ambiente de trabalho dos professores, mais especificamente sobre a professora 'A', por quaisquer que sejam os motivos dessas trocas, como veremos a frente.

Pelo fato de a professora 'A' ter 26 anos a mais de experiência comparando com o Professor 'B' ela me trouxe um relato muito mais demorado que o Professor 'B', mas isso não significa que o Professor 'B' não tenha casos de experiência, com essa temática, muito relevantes e consideráveis para ele a para este trabalho.

Enfatizarei nessa parte do trabalho a grande trajetória da Professora 'A' com essa turma citada no relato acima, onde ela mostra ter uma grande relação com seus/suas alunos(as) e, inclusive, alguns destes permanecem com ela até hoje.

Assim, percebe-se que, durante toda essa caminhada da Professora 'A', ela conseguiu integrar e unir um grupo de pessoas tão fortemente que vários destes seguiram ela por um longo tempo (alguns a seguem até hoje) da sua caminhada dentro da Educação Física, mais especificamente dentro das aulas coletivas.

Segundo o relato, o caminho profissional da Professora 'A' já começa com um grande desafio que foi entrar para dar aula para uma turma de 'aerolocal' (aula de ginástica aeróbica na época) que contava com um professor muito querido por eles. Além disso, isso aconteceu logo que ela se formou na graduação, pois fazia dois meses que ministrava aulas coletivas enquanto o

professor o qual ela substituiu já tinha dois anos de experiência e isso se mostrou outro desafio a ser enfrentado por ela.

Visto que o grupo já estava consolidado, a Professora 'A' teve de se esmerar para conseguir se integrar ao grupo e poder 'fazer parte' do mesmo. Bem nessa época, houve o surgimento de algumas novas modalidades de aulas coletivas no mercado *Fitness* levando a professora 'A' a se atualizar fazendo cursos nessas práticas. Assim sendo, ela teve a ideia de levar algumas dessas novidades, mais especificamente uma aula de 'step' para esta turma que ela assumiu, onde a aula deveria ser (pois era anunciada pela academia) de 'aerolocal'.

Para essa turma, que estava acostumada sempre com o mesmo tipo de aulas, a novidade trazida pela professora se mostrou ser um marco para que ela começasse a formar e consolidar seu vínculo e aproximação com este primeiro grupo de alunos (as) dentro da sua história. Ela relata também que nesse momento foram entrando bastantes pessoas na academia e buscando sua aula. Isso talvez possa ter acontecido pela divulgação 'boca a boca' sobre a aula já que muitos/muitas alunos (as) moravam ou trabalhavam perto da academia.

Alguns anos depois esta academia estava para fechar suas portas, conseqüentemente, acabando com todas as suas atividades e, no mesmo bairro, porém um pouco mais distante, dois rapazes que lá trabalhavam, abriram uma 'filial', porém com outro nome. Com isso, a professora conseguiu levar quase toda a turma junto com ela para essa outra academia do bairro.

Cinco anos depois, essa academia também veio a, por ventura, fechar, trazendo novamente a preocupação da professora com relação ao que seria da sua turma. Segundo a Professora 'A', 'coincidentemente', o SESC abriu um processo seletivo para professores de aulas coletivas no mesmo bairro, a Professora 'A' participou do processo e conseguiu a vaga.

Assim, a partir do momento em que a Professora 'A' recebeu a confirmação da conquista dessa vaga no SESC, ela comunicou seus alunos da academia que acabara de fechar pensando em eles irem juntos com ela, pois eles estavam aflitos por não saber o que seria do grupo construído ali e das aulas, assim, a grande maioria acabou migrando para o SESC juntamente com a Professora.

Podemos perceber que esses pouco mais de cinco anos ministrando aula para esta turma foi um tempo bastante considerável para a construção dessas relações interpessoais e vínculos que vão além da prática física estudadas nessa pesquisa.

Mostrando assim, que esses processos que ocorrem dentro das aulas coletivas podem ser significantes no que se refere à aderência e permanência das pessoas dentro dessas aulas. Porém, mais importante ainda, o quanto essas relações, mais especificamente com a professora, foram importantes para essas pessoas seguirem a professora nessa troca de local de trabalho e se manterem juntas para além de objetivos voltados a prática física das aulas.

Afinal, essas pessoas poderiam buscar aulas em outras academias da redondeza, mas preferiram esperar um respaldo da professora entrevistada para saber para onde ela iria dar suas aulas. Esse fato parece ser um aspecto relevante a ser considerado neste trabalho, pois mostra o quanto a relação da professora com seus alunos foi um marco para a permanência desse grupo unido.

Nesse sentido, em outro trecho de sua entrevista, quando questionada sobre os alunos a seguirem, a Professora 'A' relata:

Eu acho que aconteceu pela circunstância, tipo: "Ah, fechou aqui e abriu a do lado" ai, eu fui pro lado e todo mundo foi, entendeu?! Eu acho que tem muito a ver com esse vínculo que esse aluno criou comigo e com a turma. Então, é uma zona de conforto, como eu digo, pro aluno acaba sendo uma zona de conforto. Pra mim não porque eu tô trocando, por que eu vou ter esses alunos que estavam comigo e vou pegar mais outros, né?! Então, eu 'não sei o que vem pela frente' (risos). Agora, pra eles é muito bom. Eles se sentem muito seguros por que eles vão em bando, né?! (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Assim, nota-se que a professora reconhece e cita que esse vínculo criado pelos seus alunos entre eles e com ela também parecem ser aspectos importantes nessa permanência e união do grupo junto com ela durante toda essa jornada, mesmo com a troca do local de atuação. Assim é possível compreender que essas relações construídas parecem ter um caráter importante no que se refere a essa proximidade do grupo para além da prática física das aulas coletivas.

Por outro lado, ela ainda relata que sempre são um grande desafio essas trocas de local de atuação e uma responsabilidade a ser carregada, pois além

dos alunos que a seguiram da academia anterior ela ainda terá todo o público do novo local de trabalho. Além disso, o sentimento que os professores de aulas coletivas carregam sobre o dever profissional de conseguir amparar, em todos os sentidos, seus/suas alunos (as) também se mostra um diferencial das aulas coletivas no que se refere a essa identificação dos sujeitos com seus professores.

Por outro lado, sendo, segundo ela, para os/as alunos(as) é uma 'zona de conforto' poder ir em grupo, mas para ela, e os professores num geral, acaba sendo uma inspiração maior nesse caminho. Afinal, para os alunos já chegarem em outra academia, uns conhecendo os outros se torna sim, um facilitador de adaptação desse grupo nos lugares novos que a professora foi percorrendo.

Mesmo tendo muitos anos de experiência, a Professora 'A' relata que ainda sente aquele 'friozinho na barriga' quando, por ventura, troca de lugar de atuação, tem o sentimento que sua experiência vasta com aulas coletivas ajuda sim neste processo de adaptação, mas isso não significa que o processo de mudança seja mais fácil para ela.

Afinal, como se trata de um trabalho com pessoas, diferentes seres humanos, a sensibilidade em conhecer sua nova turma e a força de vontade em desenvolver um bom trabalho ali mostra que é um trabalho muito mais minucioso para conhecer uma turma nova, entender o que acontecia naquele lugar, de que forma acontecia para não chegar 'no carteiraço' com seu método de trabalho, trazendo mudanças muito drásticas para a turma que esta recebendo um novo professor.

Por mais que eu tenha todo esse tempo de trabalho, pra mim é sempre um desafio, um coisa nova, onde eu, primeiro, tenho que conhecer por que tô entrando em um lugar novo. Eu não posso achar que porque eu dou aula há 30 anos que eu vou chegar lá e eu sei e deu. Não, eu não conheço, então eu tenho que entrar, me adaptar, conhecer o público que eu vou trabalhar, pra depois pode dizer o trabalho que eu vou fazer ali. Eu não conheço, então não é igual pra todas. Por mais que eu trabalhe em lugares diferentes, eu tenho pessoas diferentes na minha frente, então, eu primeiro chego muito na tranquilidade, vamos ver como essas pessoas reagem. Eu não posso chegar lá e deu, NÃO. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Além disso, a questão da relativa proximidade entre os locais de troca da Professora 'A' também se mostrou um aspecto a ser relevado nessa pesquisa, no que se refere à constituição desses processos de sociabilidade e do

fortalecimento desses vínculos nas aulas coletivas ministradas por ela e até mesmo, pelo fato das pessoas seguirem a professora nestas trocas.

As academias que a professora perpassou durante esse período se alojavam num perímetro de menos de 2 quilômetros de distância entre uma e outra, favorecendo assim, o deslocamento e a vontade dos/das alunos (as) em seguirem fazendo as aulas da Professora 'A' e, ao mesmo tempo, em manter a união do grupo construído dentro dessas aulas coletivas.

E eu acho que tem muito a ver com, quando o cara te segue, eu acho que ele se identifica contigo. Eu acho que o aluno que faz a coletiva contigo, pra ele fazer aula contigo de coletiva, ele só fica se ele se identificar contigo. Por mais que ele goste da modalidade, se ele não se identificar com o professor ele não vai ficar. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Assim, com essa fala, podemos ver que para a Professora 'A' essa identificação que os/as alunos (as) constroem com os professores de aulas coletivas se mostram mais um aspecto relevante para que eles permaneçam nas aulas e, mais importante ainda nesse caso, que estes a seguissem mesmo que ela trocasse de local de atuação.

Ela ainda traz que mesmo que os/as alunos (as) tenham o gosto e o prazer em fazer aquela aula ou modalidade ali trabalhada, se não houver essa identificação com o professor eles não seguem por muito tempo fazendo parte da turma. Então, podemos ver que essa proximidade entre os/as alunos (as) e a professora foi consolidadamente construída com esse grupo citado acima favorecendo construção de um forte vínculo entre todos os sujeitos a ponto de a turma não se distanciar e acabar por que a professora não daria mais aula naquele lugar.

Já no SESC, a professora relata que tinha todos os direitos trabalhistas, o que em minha visão que se torna um ótimo lugar e condições de trabalho para ela desempenhar seu papel, trazendo motivações extras, já que normalmente os professores de aulas coletivas de academias não tem vínculos empregatícios nas academias e recebem seus honorários referentes à quantidade de aulas dadas durante o mês sem nenhuma garantia e/ou direito trabalhista.

A professora seguiu sua jornada no SESC com um número muito maior de alunos chegando algumas aulas em 50 pessoas, além disso, uma estrutura de aula muito maior comparada as salas dentro de academias do bairro, pois no

SESC utilizava microfone para alcançar o grande número de participantes, conseqüentemente, um desafio profissional e pessoal muito maior também.

Porém, um ano depois, com a mudança de diretoria da instituição, foi decidido que não haveria mais aulas coletivas no local. A professora, em desespero, sem saber o que seria de todas aquelas pessoas que perguntavam insistentemente a ela para onde ela iria, teve a iniciativa de fazer cartões com seu nome e telefone e distribuir 'tipo confete' dizendo para as pessoas a procurarem que ela resolveria essa questão.

Essa situação teve seu lado negativo, porém, também trouxe um lado positivo. Com essa situação, a professora viu uma grande oportunidade de negócio e ao mesmo tempo uma forma de não fazer a turma se afastar. Foi atrás e conseguiu alugar uma sala provisória, resgatar uns equipamentos que o SESC não queria mais, comprou outros equipamentos para complementar e abriu seu próprio lugar para dar suas aulas coletivas.

Um lugar improvisado, sem grandes estruturas e equipamentos de ponta, mas mesmo assim quase toda a turma do SESC seguiu a professora para lá. Mostrando o quanto o vínculo e a relação construída entre a turma e a professora se mostram, mais uma vez, fatores importantes nessa caminhada conjunta entre eles mesmos com as trocas de locais de trabalho da Professora 'A'.

A ideia da professora deu tão certo que ela teve de abrir três turmas, de segunda a sexta, das 18hs-21hs, pois tinham muitas pessoas e a sala não era tão grande para poder comportar todos que a seguiram com a saída dela do SESC. Assim sendo, a professora conseguiu contemplar todos estes que a seguiram com essas três turmas que ela iniciou em sua sala improvisada. O valor cobrado era mais caro que os/as alunos (as) pagavam no SESC, mas ainda assim eles/elas a seguiram.

Mostrando o quanto o vínculo construído entre esses sujeitos se mostram aspectos impactantes nesse processo, além disso, em minha análise, outro aspecto bem relevante de observar é a preocupação e a predisposição da professora em querer e se esforçar para que a turma permanecesse junta desde o início da sua caminhada, em sua primeira academia ela já demonstrou isso. Mesmo podendo buscar outros lugares para trabalhar e seguir seu caminho

profissional preferiu buscar encontrar estratégias e formas de manter aquela turma junta e seguir seu caminho sempre conquistando além de alunos, amigos para a vida.

Seguindo a trajetória da Professora 'A', sete meses depois de se instalarem nessa sala improvisada e administrada pela própria professora, a primeira academia onde parte dessa turma se conheceu estava reabrindo suas portas e recomeçando suas atividades novamente. Ela fez o contato com os responsáveis que eram seus ex-colegas do lugar e negociou seu retorno, levando quase todos os seus/suas seguidores (as) juntos com ela para a academia.

Já na inauguração dessa academia, a turma já contava com 40 pessoas e, segundo o relato da professora, a sala era pequena para comportar todos os/as alunos (as) que foram com ela em apenas uma turma. Assim sendo, depois de todos esses anos e essas trocas de local da Professora 'A' teve alunos (as) que foram para outros lugares e voltaram, outros não a seguiram, mas por último e não menos importante teve alunos (as) que a seguiram desde o primeiro lugar até o último lugar, acompanhando ela durante todos os percalços das trocas de local de atuação.

Esses fatos citados acima demonstram fortalecer muito esse vínculo entre todos os sujeitos dessa história. Com esse vínculo fortalecido e consolidado entre os/as alunos (as) e a professora, nos mostra que, como visto anteriormente nesse trabalho, foi criado um laço muito maior do que a hierarquia professor (a)-aluno (a), mas sim um laço de amizade entre os sujeitos dessa turma.

(...) eu nunca trabalhei pouco tempo em um lugar. Todos os lugares que eu trabalhei, eu trabalhei assim, uns 7 anos, 10 anos, 14 anos, 20 anos. Então, talvez por isso que eu crie esse vínculo, né, e tem lugares que eu trabalhei que, coincidentemente, essas pessoas me acompanharam e não é porque eu as convido, até porque eu acho antiético eu dizer: "estou trocando de academia, estou indo para tal e quem quiser vir comigo, vamos lá". NÃO, eu nunca fiz isso. Graças a Deus, também, eu nunca precisei fazer isso. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

A professora ainda relata que como na maioria dos lugares que passou, trabalhou por bastante tempo, esse fator, muito provavelmente, tenha sido um aspecto importante na construção desses laços com os (as) alunos (as), mostrando assim nessa análise que as relações sociais e os processos de

sociabilidade decorrentes das aulas coletivas se caracterizam como pontos cruciais nesse processo da criação de quaisquer que sejam os vínculos entre os sujeitos da turma.

Todos os meus desligamentos foram numa boa, entendeu?! E, por situações 'x', que muitos me acompanharam e acompanham até hoje e por isso eu posso dizer que tem uma base de 13 a 15 alunos que estão comigo há 25 anos. Eu troquei de lugar porque fechou, porque aquela academia trocou de dono, porque aquela outra não vai ter mais a modalidade. Sempre por motivos assim e eu tive que ir me deslocando e essas pessoas me acompanham até hoje. Acabaram me acompanhando, alguns não. (Entrevista Professora 'A', 04/10/2019).

Contudo, essa análise mais minuciosa sobre as trocas de academia da Professora 'A' nos mostrou que são diversos os aspectos que fizeram essa turma seguir a professora por todas as suas trocas de local de atuação. O convívio entre os sujeitos da turma, as relações que se construíram durante todo o processo, o fortalecimento dessas relações a cada troca de academia que a professora teve de fazer, além disso, todo o trabalho e as estratégias pedagógicas da professora buscando a união e a coesão dessa turma também se caracterizaram pontos importantes para o fortalecimento dessas relações e da formação do grupo durante esse trajeto.

Todavia, essas trocas que a professora fez durante seu caminho profissional trouxeram diversos alunos fiéis, amigos e uma baita bagagem na mochila da vida, mostrando neste trabalho o quanto as aulas coletivas apresentam essas características de serem espaços integradores, onde seus direcionamentos e aspectos gerais perpassam a prática física dos/das alunos (as) pertencentes ao grupo.

Assim, as aulas coletivas se mostraram um intermédio para que essas relações se consolidassem e fosse crescendo cada vez mais. Esse último tópico da minha análise me mostrou o quanto a figura do professor se faz importante nesse processo de construção e surgimento das relações interpessoais, além da formação de grupos recorrente dentro desse tipo de aula. Por fim, o quanto o professor foi uma figura de referência para a permanência dessas pessoas dentro do grupo formado dentro da primeira academia por onde ela passou mesmo com as diversas trocas durante seu caminho profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaria de salientar minha satisfação e contentamento em ter escolhido este tema como objetivo central do meu trabalho de conclusão. Pela minha proximidade e pelo gosto em trabalhar com aulas coletivas de academia, mais especificamente com treinamento funcional e, além disso, de conseguir presenciar muito essa questão das relações construídas dentro dessas aulas, meu interesse pelo tema só aumentou, fazendo com que o esmero e o zelo para com este trabalho fossem significativos e condizentes com a importância deste assunto dentro do universo *fitness* e do meio científico.

Lembro, ao finalizar esse trabalho, que a questão central que estruturou esse estudo foi: “De que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das academias tradicionais?” e que, além disso, tivemos outras questões de pesquisa que foram importantes na construção desse trabalho, são elas: quem são essas pessoas que integram as aulas coletivas? Porque elas escolhem esse tipo de aula para praticarem? O que fazem essas pessoas criarem tais vínculos de amizade e a interação entre os mesmos?

A partir da análise feita sobre as respostas concedidas nas entrevistas pelos professores de aulas coletivas, foi possível ter uma ampla visão sobre o universo paralelo que existe dentro das aulas coletivas de academia e o quanto essas relações sociais e a formação de grupos de convivência e amizade que se constroem neste ambiente se mostram aspectos importantes dentro desses processos, em vários âmbitos, como na permanência destes sujeitos na turma ou até mesmo em esses/essas alunos (as) seguirem seus professores quando eles mudam de academia.

Além disso, a partir das respostas concedidas e analisadas durante o processo analítico desta pesquisa foi possível responder essa questão central citada acima e compreender melhor essas outras questões paralelas sobre as aulas coletivas. Assim percebi que são diversos os aspectos que fazem essa formação de grupos de amizade e convivência e processos de sociabilidade que ocorrerem dentro desse tipo de aula.

Respondendo a questão central deste estudo, dentro desses diversos aspectos posso destacar que o convívio, a integração entre os/as alunos (as)

são duas das diversas condições que favorecem com que esses processos aconteçam dentro dessas aulas. Além disso, a proximidade e o forte vínculo que os/as alunos (as) constroem com seus professores também são aspectos importantes para essa formação de grupos de amizade e convivência dentro do universo das aulas coletivas.

Além do mais, pude perceber que a criação dessas relações acima citadas podem acontecer tanto sem quanto com a intervenção direta dos/das professores (as), afinal, tem alunos que por si só já são extrovertidos, favorecendo a construção de determinados vínculos dentro das turmas. Mas, de forma geral, pensando na integração da turma como um todo, posso destacar neste trabalho que, a intervenção dos/as professores (as) se mostrou uma atitude imprescindível na constituição desses grupos de amizade e convivência. Ou seja, o professor é a 'engrenagem' disso tudo.

Além disso, as intervenções ativas como estratégias de trabalho e metodologias integrativas dos professores referentes à interação entre seus/suas alunos (as) também se apresentaram como aspectos fundamentais para a formação desses grupos de amizade e para favorecer que ocorram esses processos de sociabilidade dentro das aulas coletivas, além de parecer ser uma ferramenta facilitadora para integrar os alunos mais reservados.

Ao mesmo tempo, a consolidação dessas relações que ocorre com o tempo e com o convívio criado entre os alunos (as) demonstraram ser muito relevantes na permanência dos mesmos dentro das aulas coletivas dos dois professores entrevistados, mostrando o quão importante é essa aproximação dos sujeitos pertencentes a esse tipo de aula e a união que estes conseguem realizar.

No que se refere às questões secundárias que nortearam este estudo, posso dizer que as pessoas que buscam pelas aulas coletivas são as mais diversas possíveis, assim, não é possível afirmar um padrão de público dessas aulas.

Visto que muitas pessoas não buscam as aulas coletivas apenas pelos resultados estéticos ou desempenho físico, mas sim pelo ambiente acolhedor e pela grande parceria que existe entre os sujeitos das aulas coletivas foi possível perceber o quanto isso se mostrou um aspecto importante a ser relevado, pois

mesmo a prática física ser o principal fator de essas pessoas estarem ali isso não é o único motivo.

Assim, as aulas coletivas são espaços que vão além da prática física e por isso, a heterogeneidade de uma turma é imensa com muitas diferenças entre seus sujeitos. As pessoas buscam essas aulas, muito mais para se sentirem pertencentes a um grupo, se sentirem acolhidas, pela busca de amizades ou até mesmo para buscar a diversão e dinamismo de uma aula coletiva, do que por aspectos relacionados à estética corporal propriamente dito.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e educação: trabalho e formação docente. *Educação & Sociedade*, v. 25, n. 89, p. 1181-1201, 2004.

BEZERRA, Crislaine Chagas; MACEDO, Erika Michelle Correia. Consumo de suplementos a base de proteína e o conhecimento sobre alimentos proteicos por praticantes de musculação. *RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, v. 7, n. 40, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, v. 2, 2008.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric; E SILVA, Maria Manuela Almeida. A busca da excitação. 1992.

GOMES, C. M. **Dumazedier e os estudos de lazer no Brasil**: Breve trajetória histórica. In: IX seminário Lazer em Debate, 2008.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. Stigger, Marco Paulo; González, Fernando, Silveira; Raquel da (Organizadores) *Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 1, 2004.

LOPES, Vitor Hugo Barbosa et al. PROPOSTA DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO COM PESOS APLICADO À GINÁSTICA COLETIVA. 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1986.

MANFRO, Joana Noronha Magni. Competências organizacionais para a fidelização de alunos: um estudo etnográfico em uma 'academia de bairro' de Porto Alegre. 2018.

MARCELINO, Nelson C. Academias de ginástica como opção de lazer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 11, n. 2, p. 49-54, 2008.

MENDES, Carlos Maximiano Leite; DA CUNHA, Rubens Cesar Lucena. As novas tecnologias e suas influências na prática de atividade física e no sedentarismo. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 1, n. 2, 2013.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina, 1999.

NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Ed. da UFRGS, 2004.

PASQUALI, Dennia; NITERÓI, Ricardo; MASCARENHAS, Fernando. A indústria do *fitness* e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. *Pensar a Prática*, v. 14, n. 2, 2011.

REQUIXA, Renato. *O lazer no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

SENA, Daiane Moreira Mendonça. *Ginástica de academia e metodologia do professor*. 2015.

SOUZA, Rafaela; CENI, Giovana Cristina. Uso de suplementos alimentares e autopercepção corporal de praticantes de musculação em academias de Palmeira das Missões-RS. *RBNE-Revista Brasileira de Nutrição Esportiva*, v. 8, n. 43, 2014.

STIGGER, Marco Paulo; GONZALEZ, Fernando Jaime; DA SILVEIRA, Raquel. *O esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

The IHRSA Global Report 2016 / International Health, Racquet & Sportsclub Association, 2016.

APÊNDICE A - Estruturação e roteiro das perguntas da entrevista aplicada na pesquisa

Perguntas pessoais

- Idade:
- Onde mora: Porto Alegre
- Onde trabalha e em quantos lugares ministra suas aulas?
- Reside e trabalha na mesma cidade?

Perguntas referentes à formação acadêmica

- Porque escolheu fazer educação física?
- Em que ano se formou na Educação Física? Onde?
- Qual era a área de estudos ou disciplina que mais te marcou na universidade?
- Qual a área de estudos ou disciplina você considera que foi mais importante na sua formação? Porque?
- Teve algum professor que se destacou em relação aos outros?
- O que você faria diferente na sua formação?

Iniciando a temática da entrevista

- Teve experiências de aulas coletivas dentro da sua formação acadêmica?
- Como conheceu as aulas coletivas?
- Quando e como surgiu o 'interesse' em trabalhar com aulas coletivas?
- Você realizou cursos sobre elas? Quais?
- Relata como eram esses cursos:
- Quais foram os cursos mais importante para a sua atuação?
- Começou a trabalhar com aulas coletivas dentro da graduação?
- O que mais lhe agrada em trabalhar com este tipo de aulas?
- Quais são os principais desafios de trabalhar com essas aulas?

Perguntas referentes à atuação profissional com as aulas coletivas e referentes às relações e interações interpessoais dentro das aulas coletivas

- Há quantos anos trabalha com aulas coletivas?
- O que ainda lhe faz e motiva trabalhar com as esse tipo de aula?
- Quais aspectos você identifica que fazem os alunos em buscarem as aulas coletivas? (ao longo desses anos de trabalho)
- Quais aspectos você identifica que fazem os alunos se manterem nas aulas coletivas? (ao longo desses anos de trabalho)
- Me conta como é a sua aula?
- Como você prepara essa aula?
- Quais são os principais objetivos que você tem quando prepara a aula?
- Você considera as aulas coletivas como um espaço onde os alunos conseguem construir laços e relações que vão além da pratica de atividade física? Você presenciou isso nas tuas turmas?
- Como você percebe esse processo acontecer nas suas turmas?
- Você ajuda nesse processo ou ele ocorre de forma independente e inerente ao processo?
- Você consegue enxergar esse processo em todas as turmas que você trabalha/trabalhou?
- Os alunos fazem comparações das aulas com outras práticas corporais? Quais?
- Os alunos de suas aulas citam buscar as aulas pelo lado 'monótono' da musculação?
- Existe interação entre você e os alunos fora do ambiente da academia também?
- Como você enxerga esse processo?
- Como funciona a organização desses encontros fora do ambiente da academia?
- Você já chegou a trocar de lugar de atuação (academias)? Como foi esse processo?
- Como os alunos reagiram a isso?
- Algum aluno te acompanhou? Porque você acha que isso aconteceu?

- Teria alguma lembrança nesse processo de formação de educação física e de atuação que você considera que foi marcante na sua vida?

- Tem mais alguma coisa que queira me relatar?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Porto Alegre, _____ de _____ de 200__.

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo sobre *AULAS COLETIVAS DE ACADEMIA: UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE GRUPOS DE AMIZADE E CONVIVÊNCIA*.

Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do estudo:

- Compreender de que forma acontece a formação de grupos de amizade e convivência a partir de aulas coletivas dentro das academias tradicionais.
- Entender quem são essas pessoas que integram as aulas coletivas.
- Concernir o porque elas escolhem esse tipo de aula para praticarem.
- O que fazem essas pessoas criarem tais vínculos de amizade e a interação entre os mesmos?

Procedimentos:

Participar de uma ou mais entrevistas, previamente agendada, a ser realizada num local combinado. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.

Riscos e benefícios do estudo:

- 1) Sua adesão como colaborador (a) com este estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco a submeterá a situações constrangedoras.
- 2) Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte de pesquisa.
- 3) Este estudo poderá contribuir no entendimento científico as questões e aspectos que permeiam a formação de grupos de amizade e convivência dentro das aulas coletivas de academia.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade do pesquisador preservarão a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilizações não autorizadas.

Voluntariedade:

A recusa da participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações a qualquer momento, se assim for desejado.

Novas informações:

A qualquer momento os (as) participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas através de contato com o pesquisador.

Contatos e questões:

Matheus Souza

Email: Matheus.souza355@gmail.com

Telefone: (51) 99322-4939

Pesquisado (a)

Matheus Souza (estudante pesquisador)